

| | |
|---|--|
| A primeira parte de "Autores e Livros" construiu uma gigantesca "História da Literatura Brasileira" que, no formato regular de livro já abrangia umas quarentenas páginas, referentes aos números publicados nesta nova fase. Esses fascículos iriam formar oito dos primeiros capítulos da referida obra. São eles os seguintes: | II Pedro Lopes de Souza — (26-6-1948) |
| | III Manoel da Nóbrega — (4-7-1948) |
| | IV José de Anchieta — (17-7-1948) |
| | V Gabriel Soares de Sousa — (1-8-1948) |
| | VI Bento Teixeira — (15-8-1948) |
| | VII Pero Magalhães Castanho — (25-8-1948) |
| I Pedro Vaz de Caminha — (6-6-1948) | VIII Fernão Cardim — (12-9-1948) |

Algumas páginas de Cardim sobre aspectos do Brasil

DOS PEIXES QUE HAN'A AGUA SALGADA (XIV)

Peixe bol. — Este peixe he nestas partes real, e estimado sobre todos os demais peixes, e para se comer muito sadio, e de muito bom gosto, ora seja salgado, ora fresco; e mais parece carne de vacca que peixe. Já houve alguns escrupulosos por se comer em dias de peixe; a carne he toda de febras, como a de vacca, e assi se faz em tagalinas e chacinna, e curra-se no lume como porco, ou vacca, e no posto se se coze com couves, ou coutras, crava-se a vacca, e concertada com adubo de bol com couro, e cabellos, matreia no churo, e gosto, e gordura porco, e tambem tem muito.

Este peixe nas feições parece animal terrestre, e principalmente: hai a cabeça he toda de bol com couro, e cabellos, orellhas, olhos, e lingua; os olhos são muito pequenos em extremo para o corpo que tem; fecha-se, e abre-se, quando quer, o que não têm os outros peixes; sobre as ventras tem dois couvinhos com as fechas, e por ellas resfolega; e não pode estar muito tempo debaixo d'agua sem resfolegar; não tem muita barbatana que o rabo, o qual fê todo redondo e fechado; o corpo he de grande grandura, todo cheio de cabellos ruivos: tem dois bracos de comprimento de hum covado com suas mãos redondas como pás, e nellas tem cinco dedos pegados todos hums com os outros, e cada hum tem sua unha como humana; debaixo destes bracos tem as fêmeas duas mamas com que criam seus filhos; e não parem mais que hum; o interior deste peixe, e intestinos são propriamente como de bol, com ligados, bofes, &c. Na cabeça sobre os olhos junto aos miolos tem duas pedras de bom tamanho, alvas, e pesadas: são de muita estima, e unico remedio para dor de pedra, porque feita em pó e bebida em vinho, ou agua, faz deitar a pedra, como aconteceu com dando-a a huma pessoa, deixando outras muitas experiências, antes de huma hora botou huma pedra como huma amendoa, e ficou sa, estando dantes para morrer. Os ossos deste peixe são todos massiosos, e brancos como marfim; faz-se delle muita manteiga, e tirão-lhe duas banhas como de porco; e o mais da manteiga tem no rabo, o qual sendo de largura de quatro palmos, ou mais todo se desfaz em manteiga; he muito gostosa, e para cozinhar e rigir peixe, para a candêa serve muito, e tambem para mezinhas, como a do porco; he branca, e cheirosa; nem tem cheiro de peixe. Este peixe se toma com arpoes, achão-se nos rios saídos junto d'agua doce: como huma certa erva que nasce pelas bordas, e dentro dos rios, e onde ha esta erva se matao, ou junto de olhos d'agua doce, a qual somento bebem: são muito grandes; e alguns pedo dea, e outros quinze quintaes, e já se matou peixe que com homens o não poderão tirar fora d'agua, e nella o desfizerão.

Biguiupir. — Este peixe Biguiupir se parece com solho de Portugal, e assi he cá estimado, e tido por peixe real; he muito sadio, gordo, e de bom gosto; ha infimidade delles, e algumas das ovas têm em grosso hum palmo de testa. Tomão-se estes peixes no mar alto a linha com anzolo; o comprimento será de seis ou sete palmos, o corpo he redondo, preto pelas costas, e branco pela barriga.

Olho de boi. — Parece-se este peixe com os atuns de Espanha, assi no tamanho como nas feições, assi interiores como exteriores; he muito gordo, tem as vezes entre folha e folha gordura de grossura de hum tostão; tirão-se-lhe lombos e ventres como aos atuns, e

delles se faz muita e boa manteiga, e lho tirão banhas como a porco; he peixe estimado, e de bom gosto, bem mereco o nome de peixe bol assi na formosura, como grandura; os olhos são propriamente como de bol, e por esta razão tem este nome.

Canurup. — Este peixe tambem he um dos reais e estimados nestas partes: a carne he toda de febras em folha, cheia de gordura e manteiga, e de bom gosto; tem muita espuma por todo o corpo e he perigoso ao comer. Tem huma barbatana no lombo que sempre tras levantada para cima, de dois, tres palmos de comprimento; he peixe comprido de até doze, e treze palmos, e de boa grossura, e tem bem que fazer dois homens em levantar alguma delles; tomão-se com arpoes; ha muitos, e faz-se delles muita manteiga.

Peixe selvagem. — Este peixe selvagem, aqui os Indios chamão Pirambá, se, peixe que ronca; a razão he porque onde andão logo se ouvem roncar, são de boa grandura até oito e novo palmos; a carne he de bom gosto, e são estimados; têm na bocca duas pedras de largura de huma mão, rijas em grande extremo, com ellas partem os buxios de que se sustentão; as pedras estimão os Indios, e as trazem ao pescoco como joias.

Ha outros muitos peixes de várias espécies que não ha em Espanha, e communmente de bom gosto, e sadios. Dos de Portugal tambem por cá ha muitos, se, tainhas em grande multidão, e tem-se achado que a tainha fresca posta a carne della em mordedura de cobra he outro unicornio. Não faltão garças, cheirosos, pargos, sarros, gorazes, dourados, peixe agulha, pescadas, mas são raras; aradinhos como as de Espanha se achão em alguns tempos no Rio de Janeiro, e mais partes do sul; cibias, e arrayas; estas arrayas algumas dellas têm na bocca dois ossos tão rijos que quebram os buxios com elles.

Todo este peixe he sadio cá nestas partes que se come sobre leite, e sobre carne, e toda huma quaresma, e de ordinário sem azeite nem vinagre, e não causa sarna nem outras enfermidades como na Europa, antes se dá aos enfermos de cama, ainda que tenham, ou estejam muito no cabo.

Balea. — Por esta costa ser de muitas bahias, enseadas e esteiros acodem grande multidão de baleas a estes reconhecidos, principalmente de Maio até Setembro, em que parem, e criam seus filhos, e tambem porque acodem ao milto tempo que nestes tempos he nestes remansos; são tantas as vezes que se vêem quarenta, e cincoenta juntas, querem dizer que ellas deitão o ambar que achão no mar, e de que tambem se acham nesta costa; outros dizem que o mesmo mar o deita nas praias com as grandes tempestades e communmente se acham depois d'alguma grande. Todos os animaes comem deste ambar, e he necessaria grande diligencia depois das tempestades para que o não achem comido. He muito perigoso navegar em barcos pequenos por esta costa, porque alem de outros perigos, as baleas sobroam muitos, se ouvem tanger, assi se alvoroçam como se forão cavallos, quando ouvem tambor, e arremetem com o leão, dão muitas &c. costa e dellas se faz muito azeite. Tem o toutipo furado, e por elle resfolegão, e juntamente botão grande somma d'agua, e as espalhão pelo ar como se fosse hum chuveiro.

Espadarte. — Estes peixes ha grande multidão, são grandes, e feroces, porque têm huma tromba como espada, toda cheia de dentes ao redor, muito agudos, tão grandes como de cão, ou maiores, são de largura

de huma mão travesa, ou mais, o comprimento he seguido a grandura do peixe; algumas trombas, ou espadas destas são de oito e dez palmos; em estas trombas fazem cruel guerra ás baleas, porque alvoroçando a para cima, dando tantas picadas em ellas, e tão a nuída que he causa de espanto, acodem ao sanze de taboas e as chupão de maneira até que morrem, e desta maneira se acham muitas mortas, e em pedacos. Tambem com esta tromba pescão os peixes de que se sustentão. Os Indios usam destas trombas quando são pequenas para acoutarem os filhos, e lhes metterem medo quando lhes são desobedientes.

Tartaruga. — Ha nesta costa muitas tartarugas; tomão-se muitas, de que se fazem cofres, cunhas de hostias, copos, &c. Estas tartarugas põem ovos nas praias, e põem logo duzentos e trezentos; são tamanhos como de gallinha, muito alvos, e redondos como pelias; escondem estes ovos debaixo da areia, e como tirão os filhos logo começam de ir para agua donde se crião. Os ovos tambem se comem, têm esta propriedade que ainda se coze, ou assem sempre a clara fica molle: os intestinos são como de porco, e têm ventras por onde respirão. Tem outra particularidade que pondo-lhe o focinho para a terra logo virão para o mar, nem podem estar doutra maneira. São algumas tão grandes que se fazem das conchas inteiras adargas; e huma se matou nesta costa tão grande que vinte homens a não podião levantar do chão, nem dar-lhe venio.

Tubarões. — Ha muitos gêneros de tubarões nesta costa: achão-se nellas seis, ou sete espécies delles; he peixe muito cruel e feroz, e matao a muitas pessoas, principalmente aos que nadão. Os rios estão cheios delles, e pô-lo em tanto aperto que saltando o moço em terra o tubarão saltou juntamente com elle, e cuidando que o spanhava ficou em seco aonde o matarão. No mar alto onde tambem ha muitos se tomão com laço, e arpoes por serem muito golosos, soffregos, e amigos de carne, e são são comilões que se lhes achão na barriga couros, pedacos de patino, camisas, e ceroulas que caem aos navegantes; andão de ordinário acompanhados de hums peixes muito galantes, formosos de varias cores que se chamão romeiros; faz-se delles muito azeite, e dos dentes usão os Indios em suas frechas por serem muito agudos, cruéis, e peçonhentos, e raramente são das feridas, ou com difficuldade.

Peixe voador. — Estes peixes são de ordinário de hum palmo, ou pouco mais de comprimento; têm os olhos muito formosos, galantes de certas pinturas que lhes dão muita graça, e parecem pedras preciosas; a cabeça tambem he muito formosa. Têm asas como de morcegos, mas muito pequenas, e os peixes perseguidos dos outros peixes, e para escaparem voão em bandos como de estorninhos, ou pardieas, mas não voão muito alto. Tambem são bons para comer, e quando voão alegrão os marceantes, e muitas vezes caem dentro das mãos, e então pelas janelas das camarotes.

Botos e Tainhas. — Estes peixes ha grande multidão cotão em Europa.

Linguaes e Salmonetes. — Tambem se achão nesta costa salmonetes, mas são raras, e não são estimados, nem de tão bom gosto como os da Europa; os linguaes de cá são raros: têm propriedade que quando se lha de cozer, ou assar os acoutão, e quanto mais acoutos lhes dão tanto mais tenes ficão, e melhores para comer, e se os

não acoutão não prestão e ficam molles.

DOS PEIXES PEÇONHENTOS (XV)

Assi como nestas terras do Brasil ha muitas colras, e bichos peçonhentos de que se dirá adiante, assi tambem ha muitos peixes muito peçonhentos.

Peixe sapo, pela lingua Guayacal. — He peixe pequeno, de comprimento de hum palmo, pintado, tem os olhos formosos, em o grande d'agua ronca muito e trênci muito os anzolos, e em o tirando d'agua lha chã muito. Toda a peçonha tem na pelle, e tirando-lha, come-se, e põem comendo-se com a pelle mata. Aconteceu que hum moço comeu hum e morreu quasi subito; disse o pae: hei de comer o peixe que matou meu filho, e comendo delle tambem morreu logo; he grande mezinha para os ratos, porque os que o comem logo morrem.

Outro peixe sapo da propria feição que o atroz, mas tem muitos e cruéis espinhos, como ouriço, ronca e incha tirando-o d'agua; a pelle tambem mata, maximé os espinhos, por serem muito venenosos; esfolado se come, e he bom para camaras de sangue.

Ha outro peixe sapo que na lingua se chama Itacora; tem tres quinas em o corpo que todo elle parece punhal; he formoso, tem os olhos esbugalhados, e esfolado se come; consiste a peçonha na pelle, figados, tripas, e ossos, e qualquer animal que o come logo morre.

Ha outro que se chama Carapeçaba, de cor gataado, preto, amarello; he com peixe e dá-se aos doentes; os figados, e tripas têm tão forte peçonha que a todo animal mata; e pôr esta causa os naturaes em o tirando deitão as tripas e figado no mar. (*)

Pard. — Este peixe se parece com arraya: tem tal virtude que quem quer que o coma logo fica tremendo, e tocando-lhe com algum pau, ou com outra qualquer coisa, logo adormece o que lhe põem, e

enquanto lhe tem o pau posto em cima fica o braço com que toma o pau adormecido, e adormecido. Tomão-se com redes de pé, e se se tomão com redes de mão todo o corpo faz tremer, e pasmar com a dor, mas morto come-se, e não tem peçonha.

Caranurá. — Estes peixes são como as amoreas de Portugal, de comprimento de den, e quinze palmos; são muito gordos, e assados sabem a leitão; estes têm extrahida dentadura, e ha muitos homens allejados de asas mordeduras, de lha apodrecem as mãos ou pernas onde foram mordidos; têm por todo o corpo muitos espinhos, e dizem as naturaes que tem ajuntamento com as cobras, porque os achão muitas vezes com ellas enroscados, e nas praias esperando as ditas moreas.

Amoreali. — Este peixe se parece com o peixe sapo; está cheio de espinhos, e mette-se debaixo da areia nas praias, e picão por debaixo o pé ou mão que lhes toca, e não tem outra cura senão fogo.

Guamtiacucurub. — Estes peixes são redondos, e do tamanho dos bugalhos de Espanha, e são muito peçonhentos. O corpo tem cheio de verrugas, e por isso se chama curub, se, na lingua veruga.

Terepomonga. — He uma cobra que anda no mar; o seu modo de viver he deixar-se estar muito queda e qualquer coisa viva que lhe toca fica nella tão fortemente apegada, que de nenhuma maneira se pôde bolir, e desta maneira come, e se sustenta; algumas vezes sae fora do mar, e torna-se muito pequena, e tanto que a toco, pega, e se vão com a outra mão para despegarem ficão tambem pegadas por ella, e depois faz-se tão grossa como hum bom tirante, e assi leva a pessoas para o mar e a comre; e por pegar muito se chama Terepomonga, se, cousas que pega.

Finalmente, ha muitas espécies de peixes muito venenosos no saído que tem vehemente

Serie 5.ª — BRASILIANA — Vol. 168
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

FERNÃO CARDIM

TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL

Introduções e Notas de
BAPTISTA CAETANO
CAPISTRANO DE ABREU
RODOLFO GARCIA

2.ª Edição



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio — Recife — Porto Alegre
1939

Página de rosto dos "Tratados da Terra e gente do Brasil", de Cardim. — Edição da Companhia Editora Nacional, 1932.

Algumas páginas de Cardim sobre aspectos do Brasil

peçonha, que de ordinário não escapa quem os come, ou toca.

HOMENS MARINHOS E MONSTROS DO MAR (XVI)

Estes homens marinhos se chamão na língua Iguipará; têm-lhe os nativos tão grande medo que se de cuidarem nelle morrem muitos, e nenhum que o vê escapa; alguns morreão já, e perguntando-lhe a causa, dizião que tinham visto este monstro; parecem-se com homens propriamente de boa estatura, mas têm os olhos muito encovados. As fêmeas parecem mulheres, têm cabellos compridos, e são formosas; achão-se estes monstros nas barras dos rios doces. Em Jaguaribe sete ou oito leguas da Bahia se têm achado muitos; em o anno de sessenta e dois indo hum Indio pescar, foi perseguido de hum, e acolhendo-se em sua jangada, o contou ao senhor: o senhor para animar o Indio quis ir ver o monstro, e estando descuidado com huma mão fóra da canoa, pegou delie, e o levou sem mais apparecer; e no mesmo anno morreu outro Indio de Francisco Lourenço Caello. Em Porto-Seguro se vêm alguns, e já têm morto alguns Indios. O modo que têm matar he: abração-se com a pessoa tão fortemente belizando-a, e apertando-a consigo que a deixão feita toda em pedaços, ficando inteira, e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levio alguns comem-lhes somente os olhos, narizes, e pontas dos dedos dos pés e mãos, e as genitalias, e assi os achão de ordinário pelas praias com estes cousas menos.

DOS MARISOÇOS (XVII)

Polvos. — O mar destas partes he muito abundante de polvos; tem este marisco hum capello, sempre cheio de tinta muito preta; e esta he sua defesa dos peixes maiores, porque quando vão para os apunhar, botão-lhes aquella tinta diante dos olhos, e faz-se a agua muito preta, e então se acolhem. Tomão-se á frecha, e assovião-lhe primeiro; também se tomão com fachos de fogo de noite. Para se comerem os acolho primeiro, e quanto mais lhe derem então ficam mais molles e gostosos.

Acula. — Este marisco he como hum canudo de cana; he raro, come-se, e para o bago bebido em pó e em jejum he unico remedio.

Agua mortas. — Destas aguas mortas ha infinitas nestas partes, e são grandes, e são do tamanho de hum barrete; têm muitas dobras, com que tomão os peixes, que parecem bolões de atarraxa; não se comem, ficando em alguma pessoa causam grandes dores, e fazem chorar, e assi dizio hum Indio a quem huma mordeu que tinha recebido muitas freschadas, e nunca chorara senão então. Não apparecem senão em aguas mortas.

DOS CARANGUEJOS (XVIII)

Uçá. — Uçá he hum genero de caranguejos que se achão na lama, e são infinitos, e o sustentamento de toda esta gente, maxime dos escravos de Guiné, e Indios da terra; são muito gostosos, sobre elles he boa agua fria. Tem huma particularidade de notar, que quando muño a casca se mettem em suas covas, e ali estão dois, tres vezes, e perdendo a casca, becca, e pernas, saem assi muito molles, e tornão-lhe a nascer como dantes.

Guanhumy. — Este genero de caranguejos são tão grandes que huma perna de hum homem lhe cabe na bocca; são bons para comer; quando fazem trovões saem de suas covas, e fazem tão grande mati-

nada hum com os outros, que já ouve pessoas que acudiram com suas armas, parecendo que orão inimigos; se comem huma certa erva, quem então os come morre. Estes são da terra, mas vivem em buracos á borda do mar.

Aratu. — Estes caranguejos habitão nas tocas das arvores, que estão nos lamarões do mar; quando achão alguma ameja tem a bocca aberta, buscam logo alguma pedrinha, e sutilmente dão com ella na ameja; a ameja logo se fecha, e não podendo fechar bem, por causa da pedrinha que tem dentro, elles com suas mãos lhe tirão de dentro o miolo, e o comem.

Ha dez ou doze especies de caranguejos nesta terra, e como tenho dito, são tantos em numero, e tão adios que todos os comem, maxime os Indios, &.

Ostras. — As ostras são muitas, algumas dellas são muito grandes, e têm o miolo como

havia palma da mão; nestas se achão algumas perolas muito raras; em outras mais pequenas também se achão perolas mais finas. Os Indios nativos antigamente vinhão ao mar ás ostras, e tomavão tantas que deixavam serras de cascas, e os miolos levavão de moquem para comerem entre anno; sobre estas serras pelo discurso do tempo se fizeram grandes arvoredos muito espessos, e altos, e os portugueses descobrirão algumas, e cada dia se vão achando outras de novo, e destas cascas fazem cal, e de hum só monte se faz parte do Colégio da Bahia, os paços do Governador, e outros muitos edificios, e ainda não he exposto: a cal he muito alva, boa para guarnecer, e calar, se está á chuva faz preta, e para vejar agua em tanques não he tão segura, mas para o mais tão boa como a de pedra em Espanha.

Maxilhões. — Não faltam

maxilhões nesta terra, servem aos naturais e portugueses de colheres, e facas; têm huma cor prateada graciosa, nelles se achão algum aljofre. Ha um genero delles pequenos, de que as galvoas se sustentão, e porque não o podem quebrar, têm tal instinto natural que levando-o no bico ao ar o deixão cair tantas vezes no chão até que o quebrão.

Herigões. — Os herigões são gostosos e bons nesta terra, e nelles se achão alguns grãos de aljofre, e assi dos herigões como dos maxilhões ha grande numero de multas e varias especies.

Buzios. — Os maiores que ha se chamão Guatapiggonç, se buzio grande; são muito estimados dos naturaes, porque delles fazem suas trombetas, jaezes, contas, metaras, e arrecadadas, e luas, para os meninos, e são entre elles de tanta estima que por hum dia huma pessoa das que tem cativas; e

os portugueses davão antigamente hum cruzado por hum; não tão alvos como marfins, e de largo muito delles têm dois palmos, e hum do comprimento.

Piriguay. — Estes se comem também, e das cascas fazem sua conteria, e por tantas braças dão huma pessoa; destes bota as vezes o mar fóra serras, couso muito para ver. De buzios e conchas ha muita quantidade nesta terra, muito galantes, e para estimar, e de varias especies.

Coral branco. — Acha-se muita pedra de coral branco debaixo do mar; nasce como as arvores: todas em folhas e canudos, como coral vermelho da India, e se este também o fóra, houvera grande riqueza nesta terra pela muita abundancia que ha delle. He muito alvo, tira-se com difficuldade, e também se faz tal delle.

(“Tratado da Terra e Gente do Brasil”, págs. 70 a 81).



Os interiores e os peixes visíveis das maras tropicaes (Ilustração de João Vito)

Uma nau portuguesa, da época de Fernão Cardim.

O RIO DE JANEIRO

FERNÃO CARDIM

“Fomos recebidos do padre Ignacio Theolosa, reitor, e mais padres e do Sr. governador, que com os principais da terra veio logo à praia com muita alegria, e os da fortaleza também a mostraram com a salva de sua artilharia. Neste collegio tivemos o Natal com um presépio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal. O irmão Bernabé fez a lapa e as noites nos alegrava com seu birlimbau. Uma das oitavas á tarde se fez uma celebre festa. O sr. governador com os mais portugueses fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pífaros, e bandeirolas foram à praia.

O padre visitador com o mesmo governador e os principais da terra e alguns padres nos embarcamos numa grande barca bem embandeirada e enramada; nela se armou um altar e alcatifou a tolda com um panno por cima; acudiram algumas vinte canoas bem esquipadas, algumas delas pintadas, outras empenadas e os remos de varias cores. Entre ellas vinha Martin

ta reliquia no pôs sobre um rico altar enquanto se representou um devoto dialogo do martirio do santo, com côres e varias figuras muito ricamente vestidas; e foi assestado um moto atado a um pau. Causou este espetáculo muitas lagrimas de devoção e alegria á toda a cidade por representar muito ao vivo o martirio do santo, nem faltou mulher que viesse á festa; por onde acabado o dialogo, por a nossa igreja ser pequena lhes preguei no mesmo teatro dos milagres e merces, que tinham recebido deste glorioso mártir na tomada deste Rio; a qual acabada, deu o padre visitador a beijar a reliquia a todo o povo e depois continuamos com a procissão e dança até nossa igreja. Era para ver uma dança de meninos indios, o mais velho seria de oito anos, todos nusinhos, pintados de certas côres apuradas com seus cascaveis nos pés, e braços, pernas, cinta e cabeças, com varias invenções de diademas de penas, colares e braceletes; parecia-me que se os virem

nêsse reino, que andaram todo o dia atrás d'elles. Foi a mais aprazivel dança que destes meninos cá vi; chegado á igreja, foi a santa reliquia colocada no sacrário para consolação dos moradores que assim o pediram. Têm os padres duas aldeias de indios, uma delas de S. Lourenço, uma légua da cidade por mar, e a outra de S. Bernabé, sete léguas também por mar; lerão ambas três mil indios cristãos. Foi o padre visitador a de S. Lourenço, a onde residem os padres, e dia dos Reis lhes disse missa cantada, offerecida pelos indios em canto de urgão com suas frautas.

A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma baia que bem parece que a pintou o supremo pintor e arquiteto do mundo, Deus Nosso Senhor, e assim é coisa formosissima e a mais aprazivel que há em todo o Brasil, nem lhe chega a vista do Montego e Tejo; é tão capaz que terá vinte léguas em roda, cheia pelo meio de muitas ilhas frescas de grandes arvoredos, e não impedem a uma as outras, que é o que lhe dá graça; tem a barra meia légua da cidade, e no meio della uma légua de sessenta braças de comprimento, e bem larga, que a divide pelo meio, e por ambas as partes tem canal bastante para nãa da India; nesta légua manda El-Rei fazer a fortaleza, e ficar ali coisa inexpugnável, nem se lhe poderá esconder um barco; a cidade tem cento e cinquenta vizinhos com seu vigário, e muita “escravidão da terra”. (1).

(1) “Narrativa epistolar, pasim. (Apud Silvio Romero. História da Literatura Brasileira).

As publicações seguidas de Autores e Livros

Além da História da Literatura Brasileira, parte principal desta revista, das Antologias da Literatura Brasileira Contemporânea, em verso e prosa, da Página dos Autores Novos e de A Vida dos Livros, seções constantes, que remontam á primeira fase de “Autores e Livros”, temos em nossas páginas varias outras publicações em caráter continuo. São elas:

— Cronologia da Literatura Brasileira.

— Traduções de “O Corvo”, de Edgar Poe.

— Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha.

— Poemas inéditos de Bilac.

— Album de Guignard. (Desenhos).

FOLCLORE DA GUERRA HOLANDESA

Lendas e tradições do nordeste

GAISELA J. PEREIRA DA COSTA

O folclore é a ciência da psicologia coletiva. É a ciência que não tem o cunho do raciocínio lógico-estruturado.

Desenvolve-se, devidamente sistematizado, com uma finalidade em psiquiatria, educação, história, sociologia, antropologia, administração pública e religião.

As lendas, a fantasia, e as tradições, apresentam um cunho de verdade. Aí está o seu valor, aí está o valor do folclore, aí estão os fundamentos para esta ciência que assenta sobre informações atinentes ao tempo, ao domínio da ética e da estética.

Os trabalhos folclóricos da escola mitológica, na Europa, nos meados do século XIX, divulgados pelo mundo, despertaram os primeiros folcloristas.

Não sonhava ainda ser criada a ciência folclórica, e as nossas tradições americanas já vinham sendo colhidas através dos séculos. Aí estão os depoimentos dos cronistas coloniais e dos viajantes dos séculos XVI, XVII e XVIII.

O general Couto da Magalhães, o grande conhecedor da mitologia e da psicologia dos povos índios, escrevendo sobre as tradições populares do Centro-sul em 1838, criou o estudo do nosso folclore.

Silvio Romero foi o primeiro a sentir a necessidade da sistematização dos estudos feitos e a fazer.

João Ribeiro é marcante folclorista nacional.

Pereira da Costa — afirma Câmara Cascudo — "é o autor do melhor e maior volume documental do nordeste".

Câmara Cascudo — fundador de fecundíssima escola folclórica — está em relevo internacional.

O ecletismo folclórico, em oposição às manifestações demológicas classificadas segundo as origens raciais, com os eclesiológicos da Europa, começara a ganhar terreno e, hoje, domina completamente.

O folclore brasileiro, além de riquíssimo, apresenta uma particularidade que lhe dá muito valor e o põe no nível dos mais importantes folclores como o da Alemanha e o da Sérvia.

Avulta-lhe a apresentação poética. Quanto historiador há de ter, perplexo, surpreendido, nos tempos de antanho, de incompreensão folclórica, mestres à cata do violão e cantadores, e de abismos e congochas.

Todavia, a inconfundível árvore do folclore, germinou, cresceu e, hoje, campeia majestosa no mundo inteiro com seus processos de pesquisas e de classificação com a soberba organização da UNESCO.

BRASIL-HOLANDES

Limitava-se o Recife quando Nassau aqui chegara a parte peninsular. Cerca de duzentas casas de residências, vendas, tavernas, a freguesia do Corpo Santo ao qual eram os marceiros muito devotos e os "passos" onde eram amarrados os prisioneiros coloniais: queimou, pau-brasil, algodão, tabaco, etc.

A ilha de Antônio Vaz era um areal estéril. Além do Convento de Santo Antônio, provavelmente não ou outra habitação.

Várzea, Madalena, Torre, Ponte d'Uchoa, Casa Forte, Monteiro, Apicucos, Dois Irmãos, Jiquiá — eram

centros patriarcais, engenhos a volta de cujas moendas gravitavam as casas grandes, as capelas e as senzalas.

Com Nassau — desfilara para o Brasil um pelotão de sábios. A engenharia, a geografia, a filosofia, a medicina, a astronomia, a história natural, a alta mecânica, e uma sobrelta falange de artistas. Arquitetos, escultores e pintores laureados pela escola flamenga já então celebre na Europa, vêm engrandecer estas plagas. O fastígio da Holanda com outra civilização, outros costumes, com o poderio militar, com elevado senso cultural, com a efervescência do capitalismo, entra em franca atividade no Brasil.

Pundada a cidade Maurícia, de deserto estéril que era a ilha de Antônio Vaz — começa a prosperar.

Transplantam-se coqueiros setecentários, octogonários que, numa insaciável ansia de produzir, continuam frutificando soberbamente.

Tocam-se limões verdes, laranjeiras douradas, figos, mamões, grumixas, videiras, bananeiras, alteiam-se as palmeiras.

Frutos verdes, frutos maduros, "como se uma só e mesma árvore estivesse vivendo a puberdade, a adolescência e a virilidade".

As trepadeiras, léstas escalonam nas árvores, e as flores saltam-lhes dos caules para os ramos dos ventos, onde bailam com barcarolas de beijos do noivado, e caem num deliquio de beleza coroando as cristas dos arbustos, e estrelando a verdura das ervas com as pétalas brancas de cambraila linda, e morrem expandindo perfumes tropicais.

Tripudiam as ciências, as artes e as letras.

Vão surgindo a sorrir, lindas habitações. Erguem-se palácios, estizam-se as pontes, sobem os arcos, alteiam-se os arrefres, canalizam-se as águas, represa a hidráulica as águas do Capibaribe, e reproduz um dique, em Pernambuco, os prodígios da Zelândia.

Renova-se a indústria açucareira. Rasgam-se subterrâneos. Levantam-se fortalezas. Campeia um observatório astronômico.

O eclipse do sol de 1640 — é descrito e desenhado — fase por fase — com todo rigor astronômico, por Jorge Margrave — o astrólogo do príncipe. Aliás a privação da luz relesse — no eclipse de 1640 — fora sentida pelos presseguidores holandeses, como o crepúsculo e o tramonto do esplendor hispânico no Ocidente.

Outrossim — antiga e raríssima estampa holandesa, representando o cometa observado no Recife evidencia ainda o zelo cultural e científico do príncipe Maurício.

Imprime a arquitetura um cunho de raro esplendor no palácio de Friburgo. O mobiliário era de madeira da costa da África, e de madeiras do Brasil.

Animam os pintores telas preciosas com retratos e figuras de animais em tamanho natural.

As paisagens do mundo americano vão desdumbrar em Haia, Amsterdã, na Flâandres, e pelas potências do velho mundo afóra.

Fundam-se escolas primárias e de instrução preparatória para todos os estudos liberais e ciência dos costumes.

As náut precedentes da Índia Oriental ou da Índia Ocidental, da África e de outras regiões, trazem para

o Museu de Friburgo — alfaias de bárbaros, trajes e armas, animais e plantas exóticas.

A vida era austrosuã.

Constituíram as pompas excepcionais — quer funerais — as do enterro de um irmão de Nassau aqui falecido — quer de regosio, comemorando a restauração do troço de Portugal — espetáculos inéditos para o povo.

O DESEQUILIBRIO ENTRE AS FORÇAS BRASILEIRAS E AS FORÇAS FLAMENGAS
A Holanda era a maior potência econômica e militar da época.

Embora, economicamente independentes, as duas Companhias de Comércio, a Oriental e a Ocidental eram subordinadas aos Estados Gerais, e constituíam enorme poderio militar. Haja vista — em 1641 — suas façanhas na África. Atacam e apoderaram-se de Angola, de S. Tomé, de Singapura.

Nosso exército — tanto se compunha de soldados adestrados na arte militar, incluindo negros nórdicos, como de moradores, mulatos, índios e negros. Gente da enxada e das moendas. Das casas-grandes e das senzalas.

Um exército tão irregular, deveria enfrentar a nação mais poderosa do tempo com os mais modernos recursos da arte bélica — e sub-almatado.

E — bem digno de nota — de soldo não recebiam um só real.

Com tão assombrosa inferioridade nossa — haveria de romper a Insurreição Pernambucana.

Não tardara o holandês a criar para o povo — extraordinária ascendência sobre o português.

Começaram a proliferar as lendas, a imaginação e as tradições em favor dos holandeses. O tempo dos mouros em Portugal.

Erguia o holandês uma fortaleza numa noite. Destruía cidades em minutos. Cavava subterrâneos de léguas e léguas. Rasgava túneis nas entranhas das Cordilheiras.

A própria etnia — foram dadas falsas atribuições. Gente branca, dolicocefala, olhos azuis, cabelos louros, não se discutia, holandês. O que possuíamos em gente branca dos olhos claros, e reminiscência portuguesa. Vem do elemento godo em Portugal que deixara vestígios profundos na etnia. O holandês é baixo, grosso, lento, belgaço, cabelos escuros. Os olhos é que clareiam mais.

Do norte de Portugal, a região densíssima do Entre-Douro e-Minho, ou seja de Coimbra para o norte, provém densa massa de brasileiros. Basta lembrar o "Aqui de Viana" (do Castelo, a Capital do Minho) em vez de clássico "Aqui do Rei". Observa Fernão Cardim.

Em hora ditosa — velejavam para sempre os holandeses com todo seu poderio — deixando-nos com nossas capelinhas que se aprumavam e branquejavam pelas encostas, e com os alcores da civilização helênico-romana que recebíamos de Portugal através da idade média e da idade moderna.

Esfumava o vinho da Holanda nos vasos sagrados. As imagens espaldetradas.

Uma ou outra missa celebrada em casas particulares a portas trancadas.

As igrejas convertidas em templos calvinistas.

PERNAMBUCO

FERNÃO CARDIM

Não posso deixar de dizer nesta as qualidades de Pernambuco, que dista da equinocial para o Sul oito graus, e cem léguas da Bahia, que lhe fica ao Sul. Tem uma formosa igreja matriz de três naves, com muitas capelas ao redor; acabada fleará uma boa obra. Tem seu vigário com dois outros clérigos, afóra outros muitos que estão nas fazendas dos portugueses, que eles sustentam à sua custa, dando-lhes mesa todo o ano e quarenta ou cinquenta mil réis de ordenado, afóra outras vantagens. Tem passante de dois mil vizinhos entre vila e termo, com muita escravaria de Guiné, que serão perto de dois mil escravos; os índios da terra são já poucos.

A terra é toda muito chã; o serviço das fazendas é por terra e em carros; a fertilidade dos canaviais não se pode contar; tem 66 engenhos, (LXII) que cada um é uma boa povoação; lavram-se alguns anos 200 mil arrobas de açúcar, e os engenhos não podem esgotar a cana, porque em um ano se faz de vez para moer, e por esta causa a não podem vender, pelo que moe cana de três, quatro anos; e com virem cada ano quarenta navios ou mais a Pernambuco, não podem levar todo o açúcar: é terra de muitas criações de vacas, porcos, galinhas, etc.

A gente da terra é honrada: há homens muito grossos de 40, 50 e 80 mil cruzados de seu: alguns devem muito pelas grandes perdas que têm com escravaria de Guiné, que lhe morrem muito, e pelas despesas e gastos grandes que têm em seu tratamento. Vestem-se, e as mulheres e filhos de tão a sorte de veludos, damascos e outras sedas, e nisto têm grandes excessos. As mulheres são muito senhoras, e não muito devotas, nem frequentam as missas, pregações, confissões, etc.: os homens são tão brisos que compram ginetes de 200 e 300 cruzados, e alguns têm três, quatro cavalos de preço. São muito dados a festas. Casando uma moça honrada com uma viuvez, que são os principais da terra, os parentes e amigos se vestiram uns de veludo carmesim, outros de verde, e os outros de damasco e outras sedas de várias cores, e os guaios e selas dos cavalos eram das mesmas sedas de que iam vestidos. Aquêles dia correram touros, jogaram canas, pato, argolinha, e vieram dar vista ao colégio

A BAHIA

FERNÃO CARDIM

"A Bahia é cidade de El-Rei, e a corte do Brasil; nella residem os Srs. bispo, governador, ouvidor-geral, outros oficiais e justicias de Sua Magestade. Dista da equinocial treze graus; não está muito bem situada; mas por ser sobre o mar é de vista apleizavel para a terra e para o mar. "E' terra farta de mantimentos; tem trinta e seis engenhos; nelles se faz o melhor assucar de toda a costa, tem muitas madeiras; terá a cidade com seu termo passante de tres mil vizinhos portugueses,

para os ver o padre visitador; e por esta festa se pode julgar o que farão nas mais, que são comuns e ordinárias. São sobretudo dados a banquetes, em que de ordinário andam comendo um dia dez ou doze senhores de engenhos juntos, e reverendo-se desta maneira gastam quanto têm, e de ordinário bebem cada ano 50 mil cruzados de vinhos de Portugal; e alguns aos beberem oitenta mil cruzados dados em Lisboa. Emfim em Pernambuco se acha mais validade que em Lisboa. Os vianezes são senhores de Pernambuco, e quando se faz algum arruado contra algum vianez dizem em lugar de: ai que d'elrei, ai que de Viana, etc.

A vila está bem situada em lugar eminente de grande vista para o mar, e para a terra; tem boa casaria de pedra e cal, tijolo e telha. Temos aqui colégio onde residem vinte e um dos nossos; sustentam-se, bem, ainda que tudo val três ducados, a igreja pequena (LXIV). Os padres leem uma lição de casos, outra de latim, e escola de ler e escrever, pregam, confessam, e tom os índios, e negros de Guiné se faz muito fruto; dos portugueses são muito amados e todos lhes têm grande respeito. Nesta terra estão bem empregados, e por seu meio faz Nosso Senhor muito, louvado seja êle por tudo,

ALGUMAS FONTES SOBRE FERNÃO CARDIM

- Afonso Taunay — S. Paulo no século XVI. Non ducor, duco.
- Antonio Vieira — *Anua da Província do Brasil* (1624 e 1625) nos *Anua da Bib. Nacional do Rio* — tomo 19º, pág. 187 (1897).
- Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, vol. 1º.
- Balista Castano — *Notas do Principio e Origem dos Índios*, pág. 207 (ed. 1925).
- Capistrano de Abreu — *Introdução à 1ª edição* (1887) reproduzida na edição de 1925, pág. 149.
- Artigo d'O Jornal, de 27-1-625, apenas a edição de 1925, pág. 417.
- Estado bio-bibliográfico na *Revista Mensal da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Rio da Janeiro*, tomo III, 1885.
- Chichorro da Cama — *Ministuras biográficas*, pág. 11.
- Rese dicionário de autores clássicos ("Rev. de Língua Portuguesa" n.º 13, pág. 182).
- Ferdinand Denis — *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550* (Paris, 1851) em nota ps. 48-51.
- Gonzaga Cabral (P. Luiz) *Jesuitas no Brasil* (século XVI).
- Inocêncio da Silva — *Dicionário bibliográfico* — tomo 2º, pág. 281.
- Jose Carlos Rodrigues — *Bi-* (Continua na página 100)

FOLCLORE DA GUERRA HOLANDESA

Lendas e tradições do nordeste

E — patente à luz da verdade — a força ultraterrena que as nossas armas se comunicava.

Celestes visões guiaram os passos de João Fernandes Vieira para a vitória da Insurreição Pernambucana.

Quando João Barbosa Pinto vingava o massacre de Cunhaú, às margens da elevação que hoje guarda o nome de "Morro da Batalha", no Rio Grande do Norte, não mais vivo da peleja — espassei uma mulher vestida de branco com manto azul, distribuindo areia que colhia do chão numa pequena coité, e se transformava em pólvora ao ser entregue aos soldados de Barbosa Pinto. Identificou-se a estranha mulher como a moça bonita, com a cabeça luminosa que — na batalha de Ocuandê, ajudara a Jerônimo de Albuquerque contra os franceses da La Ravardière. Era Nossa Senhora.

Confessaram os holandeses que no ardeor de terrível refrigério — viram entre os portugueses, formosíssima mulher de azul e branco com uma criança nos braços. Junto à mesma Senhora, veneranda figura que presumiram ser Santo Antônio. E as nossas distribuíam armas, pólvora e balas.

Não conseguiram os holandeses fitar a senhora e o menino pela maravilha de esplendor. Confessaram ainda os holandeses que — cheios de espanto e terror — voltaram às costas e retiraram-se em debandada. Foi nos campos das Tabocas.

Mote de um poema que celebra o fato:

A sacra luz de Maria
Nas Tabocas vencedora,
Foi nossa restauradora,
Pez das noites claro dia.

Em sonhos, recebe Vieira uma embaixada do céu. Aparece-lhe Santo Antônio ordena-lhe que deite o leito e parta sem demora ao encontro do inimigo.

Deus lhe assegurava a vitória.

Alta noite mesmo, Vieira toca a reunir, enfileira o exército, marcha ao encontro dos holandeses, e os derrota.

No mais aceso da peleja — chega do Arraial um popular conduzindo uma imagem de N. Senhora do Socorro — a lutar copiosamente.

A esta imagem haviam os holandeses despojado de suas vestes, e lhe quebrado os braços. Enxugavam os soldados o suor do sagrado vulto que tornava a burbulhar, e carinhosamente guardavam os lenços-reliquias.

Apenas entrara a imagem entre os nossos — iam os holandeses bandeiras brancas. A rendição. A vitória da Casa Forte.

Na segunda batalha dos Guararapes — ouvia-se um estampido na montanha, e surgiu a Virgem em pleno teatro da guerra.

Aponta a tradição a colina das Barreiras como o lugar do prodígio.

Organizaram-se, desde então, romarias no local do milagre, e posteriormente à igreja dos Prazeres.

E prossegue nos nossos dias cada vez mais suntuosa, popular e tradicional a festa dos Prazeres. De par com a mesma, no Brasil, só a do Bomfim, na Bahia.

Narra outra lenda que no local da ermida, N. Senhora animava aos combatentes desanimados e lhes distribuía, como bucha para suas armas, do capim que verdejava pelas encostas dos Guararapes. Belíssima geografia mariano-brasileira!

Cânticos de louvor, harmonias celestiais no Recife. — Que seria? — De onde viria?

A noite do massacre de Cunhaú. Levavam os anjos as almas dos mártires para o Parnaíba.

Em Ipojuca, levavam os holandeses a extremo ridículo nossos religiosos. Apareceu uma moça endemoninhada do que se livrara com os exorcismos da igreja. Volta o demônio ao corpo da vítima que é levada ao Convento para novos exorcismos. Estavam presentes alguns soldados holandeses. O demônio — pela moça — começa a falar a língua holandesa, e a revelar os pecados dos soldados, e a revelar os pecados dos soldados presentes, cometidos aqui e na Holanda. Pergunta o frade ao demônio por que voltara àquele corpo, ao que responde o mesmo:

— Pelo descaço que se fizera obra de Deus, e porque não lhe haviam pedido um sinal para o porrem em memória no altar de Nossa Senhora. Ordena então o frade ao demônio que liberte a vítima e dê o sinal. Logo vomita a moça um anel de asneirê que se põe no altar de Nossa Senhora da Conceição em médio do milagre, e passam aqueles holandeses a acalhar e a venerar nossos religiosos.

Na capela de Santo Antônio do Monte, no Cabo, pertencente ao engenho Velho, assaltaram os holandeses a propriedade, foram à capela, e mutilaram a imagem do Santo que jorrara copioso sangue dos golpes que recebera. Pavor entre os profanadores.

Necessitavam os holandeses estabelecidos em Itamaracá de material para suas construções. — Telhas! — Venham as telhas da matriz dos Santos Cosme e Damião de Igarassu.

Calram todos que haviam subido para executarem a profanação.

Cegos. Mortos. Aleijados.

Recorda o fato — uma tela existente na mesma igreja.

A conquista da fortaleza Príncipe Maurício, às margens do S. Francisco, em Penedo. Ecotora o som de uma campainha percorrendo todo o corpo da guarda. Ouviram alguma uma música em tom de ladainha — e brui pítida — viram uma luz. Alguém ali acabara

de implorar a intercessão dos fiéis defuntos. Era sua proteção. Não havia dúvida.

Ao amanhecer uma missa cantada de Requiem. Por ordem do capitão, ao elevar o sacerdote a Hóstia Consagrada, detonaram os portugueses todas as armas de fogo e deram duas descargas cerradas em repouso. Estrugiu ao mesmo tempo a artilharia do inimigo.

A elevação do Cálice — nova descarga cerrada da nossa parte. Terminada a missa — atrovava um tambor holandês. Era nossa a fortaleza Príncipe Maurício.

TRAIDOR

Havia um Sebastião de Carvalho dando guarida numa casa sua, recentemente construída, com sólido acabamento, aos portugueses. Na alhuda casa, haviam estes guardado suas roupas e mantimentos. Ao regressarem os portugueses, em potquismas horas ardera toda a casa. O grosso madeiramento reduzido a pó e a cinzas. As paredes desabadas. As telhas em migalhas. Carbonizada uma escada de pedra de cantaria. E não houvera fogo na casa.

Ou desceira do céu — ou viera do inferno.

Ou arte diabólica — ou castigo de Deus.

Se pôs Homero na "Ilíada" — todos os deuses olímpicos batendo-se pelos gregos ou pelos troianos, e mesmo sendo feridos, não será o caso dos milagres e das aparições em nosso favor — pela expulsão dos batavos.

O final de um poema de autor ignorado à pintura que fantasia a primeira batalha dos Guararapes.

No Recife existe um templo
De que se patrona benigna
A Virgem dos Militares;
Dêle à entrada se divisa
Um toco painel traçado
Por mão de patriota artista,
Que este padrão nos recorda
Da brasilha valentia.

Seguia-se outrora à festa dos Prazeres uma festa pagã. Ao deus Baco — no domingo seguinte.

Para o lugar denominado "Batalha" — onde se travara um combate parcial em uma das duas batalhas dos Guararapes, afluía o povo onde assistia ao batismo de Baco, no riacho Jordão. Organizava-se em seguida o préstito para os Prazeres. Cada qual cortava um galho de árvore, Baco, coroado de folhas, fechava o cortejo, montado numa pipa em forma de charola conduzida aos ombros. O deus do vinho, lá fazendo libações, e era representado pelo juiz da festa, eleito anualmente.

Desfilava o cortejo ao som de cânticos com o estribilho:

Bebamos, companheiros,
Bebamos, companheiros,
O suco da uva
O vinho verdadeiro.

Envolvía a procissão todo o tempo, e dissolvía-se depois, sempre ao som do hino báquico. Aquela festa porém, dos tempos do reinado neroniano mesmo, não poderia ser tolerada num país católico.

Interviera a autoridade eclesiástica.

Após tentativas pacíficas, em 1690, numerosa força de cavalaria e infantaria — liquidava aquele paganismo.

Tem o riacho Jordão suas águas avermelhadas pelo sangue dos mártires que lá tombaram.

Na peleja das Tabocas, os negros, armados com arco, flechas, zanguchos e facões, ornamentados com seus ponchos, tocavam flautas, atabaques e batinas com grande vozaria, fúria e estrondo. Minas e índios, com seus bárbaros instrumentos, cantando, dançando, e gritando confusamente, festejaram a vitória da Casa Forte.

Trezentos índios aliados aos holandeses, que guardavam a Capitania da Paraíba, surpreenderam em um domingo o engenho de André Dias de Figueiredo, na ocasião em que se celebrava a missa. Mataram os sacerdotes e cerca de oitenta pessoas. Mulheres e crianças. Daquela carnificina, salvára-se apenas uma filha do senhor do engenho. Só ao esplendor da rara beleza da jovem — curvára-se a antropofagia. E — compadecidos, humanizados — levaram a desditosa jovem para a fortaleza da Paraíba, mergulhada na mais acerbá dor, e recomendaram aos holandeses que em tudo a satisfizessem.

Para um soldado holandês — uma espada com narizes e orelhas enfiados era honrosíssimo troféu de guerra.

De um selvagem de enorme corpulência cortaram tiras de pele, e do mesmo infeliz o carrasco derretera considerável quantidade de banha.

Um padre no engenho Ubu em Goiana — fôra assassinado após ser obrigado a entregar objetos sagrados do culto divino. Não satisfeitos com o que obtiveram — sacrificaram a vida do sacerdote. Em 1696. Antes de Nassau. Processára o príncipe ao chegar, os responsáveis e os expulsos do Brasil.

No século XVII — mineiros holandeses, judeus e alemães — organizaram inúmeras e arriscadíssimas expedições à cata de riquezas no Brasil oriental. Infritíferas porém, todas elas. Naquelas empresas — foram muito auxiliados pelos índios. Descobriam-lhes os caminhos e lhes ragueavam as matas virgens. Cunhaú, os desertos da serra da Copacabana Paraíba, e o Cabo de Santo Agostinho foram para os exploradores cânticos de seretas que só lhes acarretara os maiores prejuízos e as maiores fadigas.

Num combate — caiu sem vida um capitão holandês. Trajava a rigor, flocas plumagens no chapéu. Com a maior festa, despojarão-no os tapuias. Um lhe tirara o chapéu. Outro a roupa e os calções. Outro a camisa. Outro o talim e a espada. Outro o belo tafetá com pontas de prata. Quebrara-lhe o maior a cabeça com um pau de jucá. Tornára-se cavaleiro segundo suas gentílicas cerimônias, e celebraram sua ventura com saltos e selvagens cantares.

Tiveram porém os tapuias seu nome tristemente ligado à história nacional. Sua aliança com o inimigo.

Recebe Nassau às margens do S. Francisco emissários do rei dos tapuias apresentando-lhe com arcos, flechas, lindíssimas penas de emas, com as quais se enovavam quando iam para a guerra.

Retribuiu Nassau os mimos, mandando-lhes vestimentas de linho, roupas de mulher, facas, chocalhos, missangas, corais, anzóis, pregos, objetos para eles, desconhecidos ou pelo menos raros.

Posteriormente — três mil tapuias com as mulheres e filhos, desceram do sertão para o Rio Grande do Norte, e protestam integral solidariedade ao inimigo. Nassau — para não perder a fidelidade dos tapuias — mandava levar para a ilha de Itamaracá suas mulheres e filhos, dispensando-lhes ótimo tratamento. A vista de seus mais caros penhores — não desertariam.

Pouco antes de Nassau partir para a Holanda, o rei dos tapuias, enviara-lhe uma delegação de três filhos seus à frente de vinte homens da mesma nação, suplicando-lhe a permanência no Brasil. No dia do embarque do príncipe, tapuias, depois de passarem a noite nas praias, lançavam-se aos magotes nos boteis e nos navios de transporte que conduziam as bagagens. Nassau os cumulara com muitos presentes, e eles, chorando e soluçando, voltaram para a praia.

Dois tapuias acompanharam Nassau para a Europa e com a participação dos mesmos, oferecera o Conde a seus amigos uma linda festa brasileira na Mauritanha.

O conhecido estratagemma de Nassau — "o boi voador" — fôra celebrado pela lira popular:

Milagre de S. Maurício,
Dis o Felipe espírio,
Pôde ser porém duvido,
Dêxe santo que fô pagão.

Foi ôta de encantos,
De graças, recreio
Pra o Conde que é holso
De florins viu cheio;

Pra êle somente
De certo que não,
Porque o Felipe
Tirão seu quinhão.

Enquanto tem nossas fogueiras piedosa significação cristã, acendiam-nos os germanos e escandinavos em honra de Freia. Freia a deusa do amor dos escandinavos. Para os holandeses, significavam as fogueiras manifestação de regosio público. Vinham já do tempo de Strabão e constituíam o culto celtibérico por excelência.

Destarte, aqui mantiveram os holandeses a arcaica tradição pagã das fogueiras de alegria à deusa do amor — já pela restauração do tron português, já comemorando o "primeiro aniversário da tomada e posse da Capitania".

A gangorra, divertimento tão apreciado pelas crianças — introduziram-na aqui os holandeses.

Atiracar, brete, chalupa, escuna duna, doca, late, urca, metralha, são vocábulos de origem holandesa. (1)

Inversamente:

Engenho, senhor de engenho, safra, negro, lavrador, vigário, infuizaram na língua batava.

Toponímia que lembra a Guerra Holandesa:

Logarejo "Batalha" — em Prazeres, Lagoa "Holandesa", no Cabo. Lagoa da "Batalha" e ilha do Flamengo — no Rio Grande do Norte.

Eram os holandeses capazes do impossível. A casa forte dos "Reis Magos" — é tida como feita durante uma noite.

Noite de véspera de "Reis".

Os conventos de S. Francisco do Recife, da Paraíba e de Penedo, ergueram-nos os holandeses. Qualquer inscrição incompreendida — é dos holandeses.

Quantas vezes — latim — com caracteres pouco legíveis pela ação do tempo!

Os petroglifos de Vila Bela, reminiscências talvez dos fenícios — são dos holandeses. Estes por lá jamais andaram. No entanto, são inscrições que revelam roteiros de tesouros enterrados pelos flamengos.

E' interminável o mundo das lendas a propósito de tesouros.

E na matéria algo há de verdadeiro.

Uma pesada de grande probidade afirma ter visto no solar de Mágalo — um vão numa parede. Pôra um tesouro arrancado, informaram-lhe.

A ilha de Itamaracá — conquistada pelo holandês o reconquistada pelos portugueses — é lendária.

Sonhava um proprietário do Forno da Cal — com uma mulher alva e muito bela lhe mostrando um grande caixão contendo ouro, na guarita do lado do norte da fortaleza de Itamaracá.

Um grupo de veranistas que fazia uma estação balnearia na ilha, excursionara à abandonada fortaleza para fazer escavações.

Nada fôra encontrado. E' inabulável a crença dos

(1) Informa o prof. Theodoro Hadietz.

Poesias de Alphonsus de Guimaraens Filho

Canção só tua

Pela alegria que me deste,
Pela alegria que me dá,
Tu, o que eu vi de mais celeste
Neste mundo de coisas más.

Pela infinita castidade
Que pões em cada pensamento,
Tu que és livre, da liberdade
Do mar, do vento;

E que me cego da esperança
Que dos teus olhos vejo fluir...
Tu que és como uma criança
Diante da aurora que há de vir.

Canção

Aos teus muros chego
Para adormecer.
De onde te procuro
Não te posso ver.

Sopra contra nós
A música sombria.
Vem distante e fria,
Vem quase irreal.

Para que repouses
Nos domínios ermos,
Nos domínios santos
Onde não estás.

Soneto

Ressalvo de perfumes desaparecidos
Sobre a carne da noite; um leve apêlo
As castas mãos, aos olhos iludidos;
Estremecer de um fruto que a colheita

Lá tinham ido os risos doloridos;
Pudor, carícia de um magoado sêlo,
Agonia de ventos em atropêlo
Pulsando corpos desaparecidos.

Um latejar de primavera, odiosa
Porque frágil demais ao devaneio;
Uma clara cantiga fugidia

Mai tocando da noite a face análoga:
Uma estrela ferida sobre um seio;
E o amor, tão simples, terá vindo um dia.

— Munga! Munga! Maestro!
Ninguém os vê por causa da poeta.
E todos se afastam por causa da catigueta.

Tá — tá — tá — á — á — á...
— Um vido de chero!
— Oio perfumado i preparado!
— Aquel jarro. Aquel acolia todo maracajado!
E' a roleta.

Os baú com terços, anéis dourados,
Medalha da Mãe de Deus. Bentinhos.

Meus irmãos, favorecel-me,
Pelas chagas do Redentor.
Pela lua dos vossos olhos,
Que a minha se apagou.

A molecada no carrossel, no chicote,
Nos botes voadores, na roda gigante,
E — de boca aberta —
Para o cavalo-marinho, para o bumba-meu-boi,
E para os maracatus.

Se o Recife fosse meu,
Eu mandava ladrar
Com pedrinha diamante
Pra Cambinda passar.

Gé — pó — pó!
Din — dão!
E' a procissão.
A imagem da Senhora, já vai saindo da Igreja.

Todos correm atrás do andar.
Alguns descalços,
Outros andando de joelhos, sangrando o chão.

— Agitam-se mãos brancas, negras,
Mulatas, sararás, cor de guajiru:
— Minha Nossa Senhora — não deixai mal!
Aqui entrá vós treje!

A noite — o painel da Virgem...

Destarte — Chegamos à conclusão da vitalidade
do Folclore como elemento probante da vida nacional,
no registro do seu passado, na conservação e divulgação
de todos os princípios emotivos que impressionaram
seus maiores.

A Guerra Holandesa deixou no espírito popular
esses vestígios que aqui reuni, e por eles julgamos não
do mérito da coordenadora mas da fidelidade e pro-
jeção deste embate de gigantes na memória coletiva
do Nordeste.

BIBLIOGRAFIA

PEREIRA DA COSTA
Folclore Pernambucano
Vocabulário Pernambucano
Mosaico Pernambucano.

LUIS DA CAMARA CASCUDO
Geografia dos mitos brasileiros
Antologia do folclore.

GILBERTO FREYRE
Guia histórico artístico e sentimental do
Recife.

JOSE ANTONIO GONÇALVES DE MELO NETO
Tempo dos flamengos.
O exército pernambucano no tempo da guerra
holandesa.

FREI MANOEL GALADO
O valeroso lucideno.

BARLEUS
História de Mauricio de Nassau.

AMEROSIO RICHSOFFER
Diário de um soldado da Companhia das
Índias Ocidentais.
(Tradução de Alfredo de Carvalho).

(2) O mesmo acontecera na lagoa do Bomfim, município
de Paraná no R. G. do Norte.

patrimônio de Itamaracá na existência de dinheiro, jóias,
e objetos de valor enterrados no forte pelos holandeses.
Quando reconheceram que se deviam retirar —
construíram nas suas horas de lazer — o que possuíam
de valor, enterraram dentro da fortaleza, ou em roda
ou perto da mesma.

Creem também na existência de um subterrâneo
na fortaleza para se esconder dinheiro, armas, pólvora,
alimentos, etc.
— no Pogo do Cobre, há um tesouro. Já houve
quem visse, indo buscar água no correio em que está
situado o Pogo do Cobre, uma mulher muito bonita
com um tacho cheio de ouro.

Mas... logo desaparecera a visão... e o tacho.
Em sessão espírita, já se manifestara um coman-
dante holandês de Itamaracá, afirmando haver no cor-
reio do rio do Cobre, um tesouro que ele
próprio mandara enterrar.

Perdera o direito a um tesouro — um pescador só
por haver revelado à esposa o segredo.
Uma pessoa ao passar em frente à fortaleza de
Orange, viu uma grossa corrente de ferro presa à
parede do mesmo e o resto enterrado no solo. (2).

Surpreendido, o transeunte procura um amigo, e
ambos se dirigem para o forte. Nem vestígio da cor-
rente.

Quanta lenda há de haver ainda em Itamaracá,
entre os moradores de Vila Velha de N. S. da Con-
ceição, de S. Paulo, do Rio do Ambar, da Baixa Vel-
de, etc.

Do poema à lenda "O cajuteiro da cigana" em Fer-
nando de Noronha:

Depois dizem que morreu,
E por memória aqui deixou
Esta árvore que plantou.

Não se sabe o que julgar
Dessa estranha aparição.
Mas afirmam que, um capão,
Se se cavar, há de achar.
Que é férreo cofre, um tesouro
Que contém da Holanda o outro.

— Um dia de noite, um bando de gente estava
cavando perto do Cruzeiro do Arraial Novo. — Quem
foi que sonhou? — Seu criado.

— Home, tu não sabe que só quem cava é quem
achava?

E prosseguiu o fertilíssimo aspecto do maravilhoso
e do encantamento. Conta o povo de Serinhaém, que
no dia da última badalada da meia noite, surge, nas
imedições do Cruzeiro, uma grande figura de mulher,
toda de branco cabelos soltos, braços nus, a face oculta
sob espesso véu. E "a moça do Cruzeiro".

Silenciosa, caminha pelas estradas adjacentes, a
passos lentos, que nenhum mortal entretanto, accom-
panha, embora correndo.

Um que a encontrara — desmaiou. Outro — teve-
n no encaixe durante duas horas. Outro — falara-lhe,
e a resposta foi um soluço que o gelara de medo.

Na mesma cidade de Serinhaém — já houve uma
noite de pânico terrível. Um cabriolé negro, mons-
truoso, puxado por uma parelha também negra, a toda
velocidade, perfeito o barulho das rodas e o rumor dos
cascos dos cavalos, veio de longe, rodeou o Cruzeiro,
e atirara-se no despenhadeiro que demora nas im-
mediações da Igreja do Livramento. Viveu um momento
de pânico a cidade.

A força do destacamento, acompanhada de praças,
acertou ao abismo para socorrer os feridos. E do carro
— nem os vestígios das rodas.

Era do outro mundo o cabriolé. Dos olhos dos
cavalos — saíam chamas azuis. Falavam os pas-
sageiros do carruagem uma linguagem estranha.

Era o holandês.

No Arraial Novo — aparece uma luz fatídica.
Morrerá quem a vir.

— Maria Cambraia, gorda e robusta, viu a luz e
morreu.

— Sá Imbilina, viu a luz, chamou a filha. Viu
ela e a filha. Morreu sá Imbilina e morreu a filha.

Em Olinda tem muito ouro enterrado e tem até
imagens de santos de ouro massivo em tamanho natu-
ral nos subterrâneos.

Por lá há também um mal-assombrado terrível.
São as almas dos aguadeiros tirando água fora de
hora na bica de S. Pedro.

Finalmente — as lendárias tradições da velha Ma-

rim, que se vão perpetuando de geração em geração,
fixamos no livro "Canaviais" no poema:

OLINDA MAL-ASSOMBRADA

Meus netinho:
Eu já vi tanta vez
Us sino de Olinda badelano sem sino,
Als igreja si abrimo i si fecho sem poiteiro,
I toda accessa sem candilheiro,
I al seipenti i uis dragão
Dus oio di fogo na Iscuridão
Qualdano uis ouro i uis drobão
Nai boca dui subterrano

— Uí, qui medo, vizinha!
— E' só havê silencio i u mál si acarmá:

— Avança!
— Recôa!
— Istraçala a bandera!
Als Ispada dus treje
Timindo nals Ispada dui cristão.

I quando chove, meus netinho,
U malassombro da guerra é fêo:
Uis canhão urrano,
Uis clarão cegano,
I uis coipo imbolano
Pulas ladera abaxo!

— Uí, qui medo, vizinha!

Igualmente — é do livro "Canaviais" — o poema.

A FESTA DOS PRAZERES

Gé — pó — pó!
Din — dão!
E' a alovrada nos Guararapes...
Abre-se a Igreja.
As meninas vão entrando com seus véus brancos,
Brancos como a espuma do mar.

Matutos de pé de serra,
De beira de rio,
Dos sitios onde plantam feijão e melão,
E das praias onde pescam
Piabas cor de prata,
Cantando serenata.

E' gente, é gente, é gente...
O trem subindo e descendo.
Descendo e subindo.
As sopas e os caminhões,
Derramando povo, povo, povo.
Limusines cor de jaboticaba,
De cajó, de mangaba, de doce de jaca mole.

Cabeças, braços, pernas, corações,
Chaves, navios, jangadinhas de cera,
Tanta vela, tanta vela acesa!
O Cruzeiro parece um braseiro!

Fita azul, fita amarela,
Cór de rosa, cór de ouro,
De bonina, de melancia,
Tocando à Senhora dos Prazeres...

O capim — "meizinha" para tudo,
E' arrancado com a raiz sangrando.
Aviva-se nesse dia o sangue dos "marte".
As pedrinhas "sangrentas",
Também são "arrelique".
— O barro vermelho regado pela chuva...

Rolote mole e doce.
Cachorro quente. Pitomba madura.
Tangerina, Monjopina.
Munguzá, Camarão torrado,
Lagosta com Cara Preta.
Macacheira com mel de rapadura.

No salão — preparado no terreiro,
Coberto com palmas de coqueiro,
Mané Pulô — dança com Joaninha.
Gertrudes — samba com Mão de Aranha.
Muriquica — roda com Morgada,
Tôda cacheada.

PAGINA DOS AUTORES NOVOS

XXI — LUIZ AFFONSO SARMENTO



Luiz Affonso Sarmento

Cantico sem palavras

Na desilusão da chuva.
Choraste.

Vejo-te caminhando sozinha na rua,
Nessa rua terna e apaga,
Larga e longa.
Teus passos são tardos, medidos,
Como se em cada um rememorasses
Certos olhos, agora mortos;
Como se em cada um tentasses ressuscitar
Certas luzes, agora noturnas.
Triste lembrança,
Como vives?...

Vejo-te arrancando paisagens,
Para guardá-las no fundo, entre ti,
Onde nem tu mesma penetras.
Último relicário, de que te valem
Retratos, somente retratos, se o tempo há de
Destroçá-los?
Teus tardos passos brotam gritos do chão.
Que te importe que o chão safra,
Se a ti eles parecem harmonias?

Ouve outros passos a teu lado;
E crês na ressurreição da carne.
Teus olhos cintilam; — deram-te
O último cigarro do condenado
A morte.

Andas.
Sempre calma, e suave, suave.
Debas as mãos calrem, perfeltas,
Que valor tem elas agora senão acompanhar
As pernas?
Andas na rua, silenciosa, mulher,
Fobre mulher, divina coisa
Dos restos das cinzas de um sonho.
Vejo-te etérea, os olhos cheios de luz,
Andando, andando, sereno acorde
Que não repercute mais, como não mais canta
O vento sem os pinheirais.

Choras na chuva.
Choras na chuva que cai desamparada.
Choras.

E encostas a cabeça no muro,
Naquele muro palpitante.
E te vêm aos ouvidos
Os grandes concertos, sinfônicos assistidos,
Os passos ao sol,
Os cristais das risadas,
Os silêncios musicais.
Vês tua cabeça em meu ombro, reclinada,
Idealizando uma aurora infinita,
Que não explodiu por não caber
No tempo.
São imagens, imagens tão reais,
Que te vão tornando também imagem.
E não compreendes, não aceitas.
Malaram-te a flor da resignação;
Fêz-lhe a essência de minha saudade,
Que anda no ar,
E ela reviverá.
Fêz-lhe a essência de minha saudade.

Quantas vezes ver-te-ei assim,
Fobre sombra, debruçada sobre minha campã,
Minha campã viva, minha campã ilhada,
Que é cada pedra que pisei contigo?
Bem sei que sentirás sempre.
Mas, porque não fazes como o vento,
Que ainda ama a árvore enquanto as folhas caem?
Ama-me. Mas não chores para sempre
Cada folha que cair.

Eu não te vejo mais.
Por isso, debruçei-me da eternidade
E pus em todos teus minutos
Um segundo meu.
Só te peço:
Não sofras.
Lembra-te como eu amei a vida,
Como ri e cantei em vida.

E, se não puderes cantar,
Chora silenciosamente,
Manuseando, tardiamente,
Que tuas lágrimas, aos poucos,
Irão criar um coração.
E eu repousarei tranquilo,
E soltarei tuas lágrimas no espaço,
Para que elas voltem a teus olhos,
E eu murmure na luz com que vejas
A vida.

Desencanto

E recordo aquela praia
Larga e triste,
Imensamente triste,
Onde as praias do vento
Não tiveram jamais um eco,
Onde as ondas do mar
Não quebravam nunca,
Para não romper o silêncio.

Aquelas areias úmidas
E claras, mornas, muito lisas,
Que pareciam receber as águas
Como um cemitério
Acolhendo incessantes funerais;
Os rochedos rudes,
Comidos pelo sal e pelas horas,
Postos num último degrado.

Recordo a imensidão das linhas,
Que caminhavam sempre,
Não sei se fugindo da terra
Ou encontrando o céu.
E o ar lúteo e denso
Que costumava flutuar
Entre as árvores perdidas
Daquela deserto de entropes.

Recordo tudo isso
Porque assim sentiste comigo;
Revejo tua imagem
Vestida com a distância,
Os olhos velados,
As mãos apertando as minhas,
As narinas entreabertas
À brisa do mar, ao sopro da solidão.

Lembro-me de que, sentados,
Juramos construir algo de novo
Nas areias, no mar, no céu,
E o que é mais importante:
— No tempo.
Já era quase noite;
A claridade decompozera as horas;
Apenas senti a luz crepuscular de um beijo.

Então, (ah, como lembro!...)
Toda tarde fomos à praia
Larga e triste, e buscávamos
A serenidade dos rochedos,
Calmas e firmes,
A noite nos levava,
E pensávamos em não sei quantas
Dúplas solidões.

Os ecos renasceram;
Ao nosso olhar as pedras
Cintilavam,
E o mar aos poucos se encrespava.
Dialogávamos com o vento,
E cobríamos os corpos de areia,
Daquela areia tépida,
Tão clara e tão nossa.

Os minutos aguardavam por mim
E por ti;
E quando ordenávamos
Que parassem,
A tarde morria,
E sentíamos nós
A luz crepuscular
De um beijo.

Para que recordar?
Hoje é uma tênue
Sombra de outono,
Que vagueia às vezes
Em meu olhar.
A praia é de novo
Como a conheci,
Como nós a conhecemos da primeira vez.

E eu me sento sob os rochedos
Postos em último degrado,
E nem respondo ao vento
Que reza por nós.
Apenas sorrio quando
Cada onda quebra,
Mostrando-me os cascos
De cada ilusão que morre.

Apenas isso;
Apenas isso,
Apenas isso.

Inverno

Nessas roxas tardes longas
Escuto às vezes o rumor
De tua memória.
Ela me chega tristemente,
Sem eco, gelada quase,
Como pobres flores mortas.

E eu me pergunto:
— Que fazer?
Tudo que existe é o passado;
O presente, uma repetição
Monotonamente repetida.
— Que fazer de teus olhos?

Passas com vagar
Pela minha saudade,
Em certas horas muito frias.
Não te posso aquecer, meu amor;
Sou um inverno de esperanças,
E de amor.

— Que fazer.
Se teus olhos infinitos
Me trazem a luz magada
De duas negras pétalas
Num calmo funeral
De gelo?

Como sentir,
Se teus cabelos se entretecem
Nos sessenta segundos de cada minuto meu,
Impessoais e longínquos,
Presos em um vento maldito
Que sopra e sopra?

Sou um inverno infundável,
Mesmo para tua recordação.
Em mim, nada acharás,
A não ser um esquisse de vida,
Carregando compassadamente
Uma saudade morta pela solidão.

Luiz Affonso Sarmento

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 20 de novembro de 1928.

É filho de D. Zúlia Castilho de Andrade Sarmento e do coronel Affonso Emilio Sarmento, atual comandante do Forte de Copacabana.

Iniciou seus estudos primários na Escola Bárbara Ottoni, concluindo-os na Escola General Trompowsky. Fes o curso clássico no Colégio Mele e Souza, sendo, atualmente, aluno ad Faculdade Nacional de Direito.

Seu primeiro trabalho literário, uma série de poemas em prosa, foi publicado, com o título de "Estudos Impressionistas", no ano de 1948, em "Letras e Artes", o suplemento dominical de "A Manhã". Colaborou ali com mais algumas produções, assim como no suplemento literário de "O Jornal". "Quadros Noturnos", seu livro de estréia, constando de treze poemas, deverá ser publicado ainda este ano.

*Sou um inverno infundável,
Mesmo para tua recordação.
Em mim nada acharás,
A não ser um esquisse de vida,
Carregando compassadamente
Uma saudade morta pela solidão.*

Luiz Affonso Sarmento

Autógrafo de Luiz Affonso Sarmento

UMA BIOGRAFIA DE RUY BARBOSA

Transcorre, o ano próximo, o centenário do nascimento de Ruy Barbosa. Uma das comemorações da gloriosa efemeride será a publicação de uma biografia do grande brasileiro, escrita pelo Sr. Mario de Lima Barbosa e editada pela IPÊ.

A VIDA DOS LIVROS

CARVALHO FILHO — *Face Oculta*. Ilustrações de Oswald Goeldi. Bahia, 1947, 282 páginas.

O último livro de poemas do sr. Carvalho Filho — José Luis de Carvalho Filho, esclareçamos — apareceu em uma edição particular de duentes exemplares, com formosas ilustrações de Oswald Goeldi.

O poeta pertence ao Grupo Arco e Flecha, de Carlos Chiachio, e já em 1934 nos dava a sua coleção de poemas — *Integração*. Ignoramos se havia nesse título mais do que uma intenção meramente poética, ou do que uma sugestão meramente filosófica, sob a influência, por exemplo, do panteísmo de Cracé Aranha.

O sr. Carvalho Filho adotou os preceitos da poesia moderna, e seu verso é libérrimo e solto. Como o de todos os modernistas, seu pensamento é muito lógico, sua frase é, se analisada rigorosamente, desprovida de sentido. Veja-se, por exemplo, este trecho (canta ele os Tristes, que são os únicos que, nas multidões, o interessam): "os tristes fassões de sonho levados na espessa torrente — os tristes ausentes da realidade que integram" — e diz: "Esos os tristes a cuja passagem me clizino de amor."

Mes, se a lógica verbal fica aí ferida, em compensação a poesia ganha já um elemento novo, que talvez seja, em última análise, a própria poesia: esse vago, esse impreciso, esse a rec tom, essa emoção apenas esboçada, que um verbo com inadequado emprego deixou em nossa imaginação...

* **TAUNAY**, Visconde de — *Memórias* — Instituto Progresso Editorial, S.A., S. Paulo, 1948, 647 págs.

Apareceram afinal as *Memórias* do Visconde de Taunay, e essas páginas vieram projetar uma luz nova na figura por tantos títulos encantadora do autor de *Inocência*.

Filho de artistas, trazendo nas veias o sangue da pura aristocracia francesa, Taunay representou, em nosso país, um milagre de antecipação: mostrou-nos o que poderá vir a ser o brasileiro de tempos futuros, quando formos um país de civilização requintada, de cultura literária, artística e filosofia real. Ele está, por esse aspecto e por tantos outros, na mesma linha de um Joaquim Nabuco (que com ele teve em comum as qualidades espirituais e as físicas) e de um Machado de Assis, que embora mestiço, fisicamente, raquítico e feio, foi, no terreno espiritual, a vertiginosa, deslumbrante anúncio de um brasileiro perfeito, que, aí de nós, talvez jamais chegue a existir. Não admira, pois, que Taunay se tenha visto, em certo momento de sua vida, tão atacado por Tobias Barreto. São atitudes lógicas e paralelas: Tobias Barreto ataca e derruba Taunay; Silvio Romero ataca e derruba Machado de Assis. E' o partido dos homens rudes, dos brasileiros que ainda descendem à resina das florestas densas, levantando-se contra o partido dos homens suís, aristocráticos, requintados.

As *Memórias* de Taunay são o mais claro índice da finura e da elegância espiritual do autor de *Inocência*. Suas confidências, ainda aquelas que ele julgaria mais audaciosas (as que o levaram a condenar as *Memórias* a um esquecimento de meio século) são prudentes e limpas, e podem ser mostradas a mais pura das mocinhas. Como estamos, aqui, longe das

auto-confissões tanta vez pejorativas de um Medeiros e Albuquerque ou de um Humberto de Campos, e até da malícia sem perdão de um Oliveira Lima!

Taunay mostra-nos, muita vez, episódios que valem como sínteses psicológicas, sínteses que bastam para dar a chave de certas situações ou de certos dramas. Toda a incompatibilidade de José de Alencar com D. Pedro II, por exemplo, é explicada pelo Visconde no relatar uma conversa que certo dia o grande romancista — então ministro — teve com o Imperador.

Podemos dizer que há nas *Memórias* de Taunay a substância de várias crônicas. Há, por exemplo, a substância de uma crônica em que se descrevem certos desposos do corpo docente do Pedro II, no tempo em que Taunay ali estudou.

A principal dessas crônicas, porém, é aquela que se refere à luta com o Paraguai. Taunay nela tomou parte, esteve na retirada da Laguna, episódio que descreveu em página imorredoura. Em suas *Memórias* refaz ele a narrativa da guerra, e completa, de maneira mais viva e mais comovida, a narração tão dramática que já dera na *Retirada*.

Por outro lado, o livro das suas reminiscências vale, inestimavelmente, como um resumo do que era a vida das famílias aristocráticas no Brasil do século passado.

Mais do que tudo isso, porém, é o que achamos no livro de Taunay, agora editado como uma espécie de coroarmento de toda a obra do escritor: o que achamos nele é um claro e amplo panorama, no qual se desenvolve a mais bela das vidas, a vida de um homem que

foi um artista e que foi um herói.

* **MENDONÇA**, Renato — *O declínio do Império e o ideal republicano no Brasil* — Porto, 1948.

No grupo de Estudos Brasileiros, no Porto, cidade em que é cônsul do Brasil, o sr. Renato Mendonça pronunciou uma conferência acerca do *Declínio do Império e do Ideal Republicano no Brasil*.

O estudo, cremos, corresponde a uma síntese de longas e aturadas meditações, pois o sr. Renato de Mendonça há largos anos se vem especializando no conhecimento das temas principais da nossa história.

Nessa conferência encontramos mais uma vez referidos aqueles episódios do começo da República, nos quais a figura de Deodoro nos aparece como a própria imagem da Perplexidade, derrotando um regime sem o saber, mandando para o exílio um rei quando apenas queria desmontar um ministério, proclamando a República somente porque essa era a vontade de Quintino Bocaiuva, de Rui Barbosa, e de mais um ou outro conspirador.

Esse momento da vida brasileira (como tantos outros, aliás) está, a nosso ver, a ser refletido. Em mais de uma referência de Rui Barbosa, deixadas ao longo de sua imensa obra jornalística, estamos vendo, seguramente, que o 15 de novembro não foi surpresa para muitos dos conspiradores. Eles sabiam nitidamente o que estavam tentando — e sabiam mais, como acrescenta o grande Ministro da Fazenda do Governo Provisório, qual seria a tremenda pena que os esperava, se o golpe viesse a falhar.

Deodoro, a nosso ver, estava na mesma corrente de idéias — e fez a mudança do regime em plena consciência do que fazia. Não há razão para desdenharmos de sua argúcia e de seu espírito, até ao ponto de o acreditarmos um instrumento de tão fácil manejo nas mãos de outrem.

A meditação do sr. Renato de Mendonça serve para indicar-nos que há ainda muito a fazer, na reconstituição da linha dos fatos — e talvez principalmente na reconstituição da linha das idéias, — em tudo o que se refere ao movimento que deu a República. Será alguma coisa como a *História da For-*

mação da República no Brasil o tema que estamos indicando. Não haverá um historiador disponível, que o queira enfrentar?

* **DUTRA**, Osório — *Cores, perfumes e sons. Poemas de Baudelaire*. O livro Inconscutit, Barcelona, 1948.

E' uma preciosidade bibliográfica, este livro que acaba de publicar o sr. Osório Dutra. E como tal está destinado a atingir altíssimos preços.

Basta saber-se que a edição consta apenas de cento e um exemplares, sendo 15 exemplares marcados de A a K, ornados com o original de um dos desenhos que ilustram o texto; e noventa numerados, em papel de linho, e assinados pelo autor. Os desenhos — em número de 11 — são da autoria de Garcia Vilella, e revelam uma audácia, uma crues, uma sensualidade stormentada e trágica, que logo nos transportam ao clima baudelaireano.

Para acrescentar o interesse desse *Livro Inconscutit*, vá mais esta informação: o Impresor da obra é o poeta João Cabral de Melo Neto, hoje cônsul do Brasil em Barcelona. Poeta de raras qualidades de finura e densidade, João Cabral apaixonou-se ultimamente pelo encanto da arte tipográfica, e já nos deu três preciosidades: um livro de sua própria autoria, a *Psicologia da Composição*, o *Mafuá do Mahuço*, de Manuel Bandeira, e agora este volume de Osório Dutra.

No seu *Livro Inconscutit*, Osório Dutra reuniu 36 poemas de Baudelaire.

Baudelaire é um dos poetas franceses que mais têm sido traduzidos pelos poetas brasileiros, que mais têm sido estudados pelos nossos críticos. Felix Pacheco dedicou-lhe verdadeiras preciosas monografias, como *Baudelaire e os gatos*, como *Do sentido do amar e do Concelito da Fatalidade em Charles Baudelaire*.

Uma Baudelaireana brasileira iria recolher trabalhos assinados por Olavo Bilac, Lindolfo Gomes, Batista Cepellos, Felix Pacheco, Aurélio Buarque de Holanda, Eduardo Guimarães (que traduziu numerosas páginas das *Flores do Mal*, e tantas outras. A essa coleção vem agora juntar-se a contribuição de Osório Dutra. Vão aqui duas das mais felizes traduções que Osório Dutra apresenta em seu *Livro Inconscutit*.

UM LIVRO FUNDAMENTAL

Uma Edição I.P.E.

pelo conhecimento da nossa História

O retrato de figuras primordiais da História do Brasil por um dos maiores historiadores do segundo império. Esse livro ficou guardado por cinquenta anos no cofre de sigilo do Instituto Histórico Brasileiro.



MEMÓRIAS DO VISCONDE DE TAUNAY

EM TODAS AS LIVRARIAS

Spleen

Pluvioso, em furor contra a cidade inteira, Lança, em vagas brutais, um frio tenebroso, Sobre os que dormem já na terra hospitalara, Envolvendo, em segreda, o arrabalde brumoso.

Meu gato, pelo chão buscando uma hiena, Agita sem parar seu corpo sacrofuloso; A alma de um velho poeta erra numa goleira, Tendo a voz sádica de um fantasma nervoso.

O bronze se lamenta, e o tício, enfumado, Acompanha, em falso, o relógio calado. Enquanto, baralhando as cartas e os odores,

Herrança que lhes vem das épocas passadas, O valete de copas e a dama de espadas Recordam triamente os seus marcos amores.

A Gigante

No tempo em que este mundo, em petiza constante, Nos dava, cada dia, uns filhos monstruosos, En trita virido aos pés de uma gigante, Tal, junto a uma rainha, os gatos voluptuosos.

Costaria de ver o corpo de tal dama, Livre, desenvolver seus jogos perigosos, Unido, pelo amor, a sombra de uma flama Ao nevoeiro que cerca os seus olhos ocultos;

Perceber, à vontade, os seus belos contornos, Saltar a imundície de seus joelhos mores, E, depois, na verde, quando o sol, por mil meios,

A estendesse, vencida, através da campanha, Dormir, indiferente, à sombra dos seus seios, Como um burgo tranqüilo aos pés de uma montanha.

A VIDA DOS LIVROS

MONTELO, Josué — *Problemas da Biblioteca Nacional* — Imprensa Nacional, Rio, 1948, 33 págs.

Josué Montelo assumiu o seu cargo de diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a 14 de janeiro do corrente ano. Pronunciou naquela ocasião um discurso em que deixou a longa e amarga meditação de amigo dos livros, de conhecedor profundo dos vastos e complexos problemas da nossa grande Biblioteca Nacional. E a oração pronunciada naquele momento que ele agora enfaixa em fascículo, e nos remete.

E' de pessimismo, quase de desalento, o tom de Josué Montelo; na oração em que ele se investe no nobre cargo que ocupavam Frei Camillo de Montserrat, Ramal Galvão, Raul Pompéia, Rodolfo Garcia, tantos brasileiros eruditos e gloriosos. Medite-se, por exemplo, aquela parte da oração em que o novo diretor da Biblioteca resumiu os problemas imediatos da nossa cidade dos livros. Vemos que ali existe uma seção importantíssima — a dos microfilmes — que não tem chefe nem funcionários. Vemos que a seção dos manuscritos, a de obras raras, a de publicações oficiais, — cada qual a de maior responsabilidade — só dispõe do chefe. E' só isso? Que esperança! A seção de iconografia foi durante meses, em 1947, só servida por um boy... Na divisão de catalogação — com livros que ultrapassam a casa de um milhão — estão a trabalhar na confecção de fichas apenas uns dez funcionários! E' é só isso? Prouvem a Deus...

Há ainda as instalações precaríssimas, onde chega a chuva, onde são destruídas preciosidades! E há as coleções de valor inapreciável que já foram desmembradas, vendidas não se sabe como.

Eis o quadro triste e desolador da vida atual da maior, da mais preciosa, da mais rica livraria brasileira. Josué Montelo, com o ardor do seu entusiasmo, com o imenso amor que sente pela cultura, mostra-se disposto a enfrentar os numerosos problemas da Biblioteca Nacional. Para esse movimento — que sem exagero chamaríamos verdadeira cruzada cívica — convoca ele os eruditos, propondo soluções sábias e práticas.

E' difícil saber se, em um país que dispõe da tremenda força de inércia que caracteriza o Brasil, os apelos do jovem diretor da Biblioteca Nacional logram ser ouvidos. O que sabemos, entretanto, é que certas soluções propostas por Josué Montelo para a Biblioteca Nacional já têm sido aceitas e adotadas por grandes bibliotecas de países europeus, e com o mais brilhante êxito.

MONTEIRO, Jacy — *Aima redutiva* — Of. Gráficas do Jornal do Brasil — Rio, 1947, 75 págs.

E' uma coleção de poesias inspiradas em sentimentos elevados e puros. A poetisa é jovem, e a sentimença ainda em procura dos verdadeiros caminhos de sua sensibilidade e de seu temperamento poético.

PAIVA, Cônego Jorge O'Grady — *Verdade e Vida. Ensaio bio-bibliográfico do Cônego Luis Monte*. Rio, 1948, 354 págs.

Luis Monte, nascido em Pernambuco, viveu no Rio Grande do Norte, e ali deixou, de sua figura e de sua ação, uma grande, perdurável saudade. O Cônego Jorge O'Grady de Paiva, que de perto o conheceu, evoca-lhe nestas páginas cheias de emoção, os traços mais eloquentes e impressivos.

SILVEIRA, Souza da — *Alguns fábula de Pedro, acompanhados de tradução literária, notas de entrelaçamento do português com o latim e Vocabulário*, por Souza da Silveira, catedrático de Língua Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia, 3.ª edição, à qual se acrescentaram 10 fábula traduzidas e anotadas pela Professora Maria Amélia de Pontes Vieira, da mesma Faculdade, Rio de Janeiro. Livraria Agir Editora — 1948, 246 págs.

O Professor Souza da Silveira deu, há alguns anos, uma de suas obras magistrais — a tradução comentada de algumas fábula de Pedro. O trabalho obteve o melhor acolhimento, por parte dos eruditos e dos simples estudiosos do latim e do português, entrou em segunda edição, que logo também se esgotou. E agora surge-nos em sua terceira edição.

E' um trabalho magistral, como o classificamos acima.

Elucidando as dúvidas e as incertezas que a cada passo apresenta o texto de Pedro,

Souza da Silveira vai-nos ensinando, ao mesmo tempo, o latim e o português. De sua leitura sai o estudioso dos velhos clássicos cheio de novas aquisições do conhecimento. Mas como também se enriquece, com essa leitura que a todos os momentos nos põe diante dos olhos trechos e exemplos de Machado de Assis, de Gonçalves Dias, de Euclides da Cunha, de Raimundo Correia, o simples leitor que põe todas as suas aspirações no compulso dos mestres dos nossos dias!

Registando o aparecimento desta terceira edição de tão bela obra, não queremos deixar sem referência especial o nome da Professora Maria Amélia de Pontes Vieira, que teve a honra de colaborar na tradução e no estudo de Pedro com tão eminente mestre. E' a professora Maria Amélia assistente da Faculdade de Filosofia e de a dia se vem afirmando um dos valores reais dos estudos clássicos em nosso país.

Prova-o agora o seu trabalho, apresentado sem desluzo

ao lado do trabalho de Souza da Silveira.

TOVAR, Jair — *No País dos Incas* — prefácio de João Lira Filho — Rio, 1948, 330 páginas.

Como um dos diretores do Botafogo de Futebol e Regatas, teve o autor, em 1945, ocasião de fazer uma excursão ao Peru. Daí remeteu, a partir de 3 de janeiro de 1948, numerosas cartas à sua filha Maria Cecília, cartas nas quais relata as impressões pitorescas ou austeras que lhe ia despertando a viagem. E' este o material literário com que ficou organizado o volume atual, ao qual foi dado o título de — *No País dos Incas*. E' um livro de simpatia e de boa vontade, ao qual faltará, contudo, uma dose de malícia, para poderemos colocar o sr. Jair Tovar na categoria dos viajantes sentimentais, cujo modelo deu outrora Sterne.

LIVROS RECEBIDOS:
BRITO, Laurindo de — *Palavras ao Mundo* — Poesia —

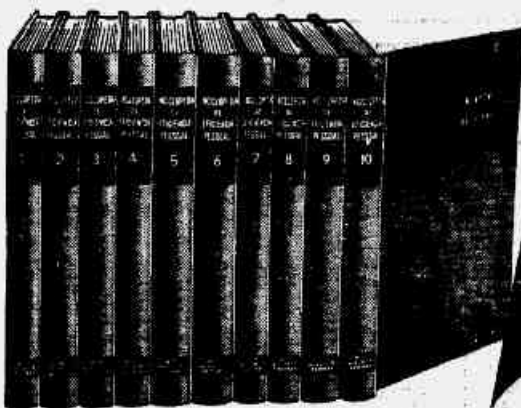
S. Paulo, 1948, 147 páginas.
Catálogo Geral das Publicações da Comissão Rondon e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios — Publicação n.º 96. Imprensa Nacional, Rio, 1948, 34 págs.

CHOSTAKOWSKY, Paulo — *História da Literatura Russa* — Instituto Progresso Industrial, S. Paulo, 1948, 379 páginas.

MACHADO, Othon Xavier de Brito — *Os Carajás (Inan-sua)*. Publicação n.º 104, anexo n.º 7 — Conselho Nacional de Proteção aos Índios (Ministério da Agricultura) — Imprensa Nacional, 1947, 128 págs. — Esta monografia obteve o Prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras.

MACHADO, Othon Xavier de Brito — *Zoologia. Spongiários (Porifera)* — Publicação — 1947, 4 págs., vol. 7899 n.º 102, Anexo n.º 5 — Conselho Nacional de Proteção aos Índios (Ministério da Agricultura), Imprensa Nacional, Rio — 1947, 4 págs.

Eficiência Pessoal é a base de todo o progresso



Um curso prático e indispensável para homens e mulheres em todas as idades e posições.

ENCICLOPÉDIA DE EFICIÊNCIA PESSOAL

W. M. Jackson, Inc. oferecem ao público esta nova e sensacional coleção. Trata-se de um conjunto de livros preciosos, cada um dos quais tratando de assunto diferente, e destinados a tornar cada pessoa que os ler — homem ou mulher — em uma verdadeira triunfadora. A eficiência pessoal é uma reunião de conhecimentos, qualidades e experiências, tanto uma como outras fáceis de adquirir, que entretanto transformam radicalmente a vida e o destino dos indivíduos, tirando-os da mediocridade e abrindo-lhes as portas do sucesso. O empregado que adquire eficiência pessoal dá à sua carreira um impulso vertical, o comerciante e o industrial ganham capacidade de iniciativa, o que os leva para diante em seus empreendimentos. O médico, o advogado, o operário, o professor — enfim, todos, homens ou mulheres — podem brilhar e vencer, saindo da obscuridade. Eis por que a "Enciclopédia de Eficiência Pessoal" é uma coleção indispensável — a mais preciosa das coleções, pois ensina a todos o que é e como aproveitar a eficiência pessoal.

RELAÇÃO DOS VOLUMES

- Volume 1 — Como manter a saúde e o vigor.
- Volume 2 — Eficiência mental.
- Volume 3 — A personalidade do homem eficiente.
- Volume 4 — Seja mestre em seu ofício.
- Volume 5 — Técnica dos negócios.
- Volume 6 — A técnica de vender e sua aplicação.
- Volume 7 — Independência econômica.
- Volume 8 — Novos valores sociais.
- Volume 9 — Aproveite suas horas vagas.
- Volume 10 — A arte de viver.

Qualquer que seja a sua situação, procure melhorar a adquirindo esta coleção.

W. M. JACKSON, INC.

EDITORES

| | | |
|------------------------|-------------------------|-------------------------|
| RIO DE JANEIRO | SÃO PAULO | PORTO ALEGRE |
| R. 25 David, 140 Hoyal | R. São Bento, 250 Hoyal | R. Badurador, 591 Hoyal |
| Fone 42-9521 | Fone 7-2340 | Fone 3-35 |
| Caixa Postal 150 | Caixa Postal 2501 | Caixa Postal 415 |

W. M. Jackson, Inc. - Caixa Postal, 360 - Rio de Janeiro
Queiram enviar-me, "Grátis" e sem compromisso algum, o folheto relativo à "Enciclopédia de Eficiência Pessoal"

Nome:
Profissão:
Endereço:
Cidade: Estado:

HISTORIA DO JORNALISMO NO BRASIL: JOÃO FRANCISCO LISBOA

Noticia sobre João Francisco Lisboa

João Francisco Lisboa nasceu em Pirapemas, cidadezinha maranhense da margem do Itapicuru, em 22 de março de 1812. Era o primogênito de João Francisco de Melo Lisboa e de Gertrudes Rita Gonçalves Nina. Muito criança, foi levado para S. Luiz, e ali aprendeu as primeiras letras. Perdendo o pai, porém, foi, com a mãe viúva, para uma fazenda do interior. Aos quinze anos, voltava à capital maranhense, para trabalhar no comércio, e se fazia calheiro da casa comercial de Francisco Marques Rodrigues. Ali permaneceu apenas por dois anos. Deixou a casa comercial em que era calheiro, e foi estudar humanidades. Teve então como mestre Sotero dos Reis, e diz Pedro Lessa: "Tão aproveitado foi o discípulo, que logo depois entrou a ensinar com o mestre, proporcionando ao bem formado coração deste, motivo de muito contentamento e de justo orgulho".

Em 23 de agosto de 1832, começa Lisboa a exercer os primeiros de seu genial talento de jornalista. Suspensa a circulação do *Farol Maranhense* — jornal que tinha no norte do país, uma importância equivalente à que possuía no sul a *Aurora Fluminense*, de Evandro da Veiga — João Francisco Lisboa fundava o seu primeiro diário — *O Brasileiro*. Pouco tempo depois falecia Moraes e Silva, o árduo e vibrante diretor do *Farol Maranhense*. Essa circunstância determinou Lisboa a abandonar o seu *O Brasileiro*, passando então a dirigir a folha cujo título já se tornara famoso e ilustre. A frente do *Farol* esteve somente dois anos. Em junho de 1834 o deixava, e fundava o *Eco do Norte*. A testa dessa folha ficou até novembro de 1838.

Interrompe, nesse momento, sua carreira jornalística, para aceitar um cargo público, o de secretário de Antonio Pedro da Costa Pereira, barão de Pindaré. Foi eleito, em duas legislaturas, para a Câmara da Província, como representante do Partido Liberal. Na Câmara sua preocupação assídua consistiu em debater os assuntos da instrução pública.

Fra Lisboa secretário do governo quando ocorreu o assassinato do chefe do Partido Liberal, Raimundo Teixeira Mendes. Como o presidente da Província não parecesse disposto a tomar as medidas que eram necessárias para a punição do criminoso, Lisboa pediu demissão do seu cargo, e regressou ao jornalismo. Em janeiro de 1838 está de novo na

língua de 1838 está de novo na língua, dirigindo a *Cronica Maranhense*. Já divergências sobre a data do aparecimento dessa folha. A Academia Maranhense de Letras fixou-lhe a data de 1 de janeiro, e nesse dia, em 1918, fez uma praça pública de S. Luiz, inaugurando a estátua de Lisboa; Artur Mota aceitou essa data. Henriques Leal, porém, indicou a data de 2 de janeiro, e nisso foi seguido por Pedro Lessa.

Não tardou a romper no Maranhão o movimento criminoso *Baleado*, dirigido que era por um homem de infima condição, Manoel Francisco dos Anjos Ferreira Balão. Lisboa foi então um dos elementos ligados ao cruel movimento. Era uma evidente e terrível injustiça, e a verdade é que poucos escritores, poucos jornalistas tiveram a bravura e a segurança que teve Lisboa, ao comentar os fatos delituosos que se verificavam, no apontar à execução pública os criminosos que infligiam a província do Maranhão.

Em 1840 apresenta-se Lisboa candidato a uma cadeira de deputado à Câmara Provincial. Logo desiste da candidatura, enojado com os manejos que surpreende em torno dela. Deixa retar-se para a vida particular, dedicando-se aos seus trabalhos literários e aos seus trabalhos jurídicos. Torna-se jurista consulto respeitável, e mantém colaboração no *Forum*.

Em 42 regressou à imprensa, fundando o *Publicador Maranhense*. Mantém ali uma seção sob o pseudônimo de Zumbido, e ao mesmo tempo publica, no *Eco do Norte*, os *Retratos*. Dedicava-se ao folhetim e faz crônicas deliciosas sobre figuras e costumes locais, como aquelas em que descreve as festas religiosas ou o teatro de São Luiz.

Em 47 recusa uma indicação que lhe é oferecida para deputado geral. No ano seguinte, porém, aceita a indicação para deputado provincial e pronuncia na Câmara um discurso que se tornou um dos trabalhos mais famosos do seu gênero, na literatura brasileira — o discurso sobre *Anistia*.

Sobrevém novo período de retiro, e é então que Lisboa — que tem estudado profundamente o fenômeno da escravidão e é conhecedor de um abolicionista convicto — delibera escrever um romance de combate à negrada instituição. Tinha já o romance deli-

(Conclui na 100.ª pág.)

Bibliografia de João Francisco Lisboa

— *Jornal de Timon* — Começou a aparecer em 1832; e a princípio era dado mensalmente, em 80s, de 100 páginas. A partir de 1833 passou a sair em volumes de 400 páginas, sem data certa. Em 1835, saindo o escritor de São Luiz, interrompeu o *Jornal de Timon*. Indo para Lisboa, porém, ali voltou a publicá-lo. Saíram 12 números, e figuram todos nas *Obras Completas* do escritor.

— *Apontamentos; notícias e observações para servir à história do Maranhão* — Lisboa, 1838, 498 págs. Contém os ns. 11 e 12 do *Jornal de Timon*.

— *Biografia de Manoel Odorico Mendes*. Revista Contemporânea, 1.º, 4.º (Outubro, 1882).

— *Projeto apresentado à Assembleia legislativa provincial do Maranhão, pedindo a S.M. o Imperador anistia geral para os nossos irmãos pernambucanos*. Discussão à tribuna e à imprensa. Rio, 1850, 24 páginas, in 4.º.

— *Vinte e seis cartas ao Sr. F.A. de Varnhagen desde 9 de maio de 1836 até 30 de julho de 1837*. Foram publicadas pelo próprio Varnhagen, no livro — *Os Indios bravos e o sr. Lisboa*. Timon, 3.º.

— *Obras completas de João Francisco Lisboa*, precedidas de uma notícia biográfica pelo dr. Antonio Henriques Leal. Editores e revisores Luiz Carlos Pereira de Castro e o dr. Antonio Henriques Leal. Tip. de Belarmino do Mar, 1864-1865. 4 Tomos in 8.º de COCII — 548 págs.; 517 págs e 1 de errata; 573 págs, e 3 de erratas; e 761 págs, e 2 de erratas. O tomo 1 traz o retrato do autor e uma sua carta (fac-símile litografado).

O tomo 1.º — encerra o estudo biográfico e crítico de Antonio Henriques Leal; *"Jornal de Timon"* abrangendo "Eleições no Maranhão", ns. 1 a 4; o tomo 2.º contém *"Jornal de Timon"* (ns. 5 a 10); *Apontamentos para a História do Maranhão*; o tomo 3.º contém *"Jornal de Timon"* (ns. 11 e 12) — ainda *Apontamentos para a História do Maranhão*. O tomo 4.º contém: "A vida do Padre Antonio Vieira" — "Biografia de Manoel Odorico Mendes" — "A festa de N.S. dos Remedios" — "Testo S. Luiz" — "Discurso sobre a anistia aos pernambucanos revoltosos" — "A festa dos mortos ou a procissão dos ossos" — "A questão do Prata" — "Notas".

A segunda edição é portuguesa, em 2 vols., de 440 a 663 págs., com uma notícia de Antonio Henriques Leal e um apêndice de F. Sotero dos Reis, com o mesmo conteúdo — Lisboa, Tip. Maros Moreira & Pinheiro, 1901.

— *Obras escolhidas* — *Seleção e Prefácio de Otávio Tarquínio de Souza* — Americ Edit. — Rio, 1946.

— *A vida do Padre Antonio Vieira*. Vem no 4.º volume das *Obras Completas* (págs. 8 a 488).

2.ª edição — *Vida do Padre Antonio Vieira*. Obra póstuma de João Francisco Lisboa.

3.ª edição — seguida do programa para os exames de preparatórios. Rio de Janeiro, Seráfico José Alves, 1874, 574 páginas.

A vida do Padre Antonio Vieira (obra póstuma) — 2.ª ed. de 398 págs. — Rio, B.L. Garnier, 1891.

ATIVIDADE JORNALISTICA

João Francisco Lisboa fundou ou dirigiu os seguintes jornais: — *O Brasileiro*. Periódico político, hebdomadário. Maranhão, 1832. Começou a sair a 23 de agosto, e saiu até novembro. Nesse mesmo ano, tendo falecido seu cunhado José Cândido de Moraes e Silva, diretor do *Farol Maranhense*, fez

cessar a publicação de *O Brasileiro*, e passou a dirigir a outra folha.

— *Farol Maranhense*. Maranhão, 1832 (novembro) a 1833 (dezembro).

— *Eco do Norte*. Maranhão, 1834 a 1836. Saliu o primeiro número a 3 de julho. Era o órgão do Partido Liberal. "Pode-se dizer que foi ele o primeiro jornal democrático educado na escola das liberdades modernas". (Joaquim Serra — 60 anos de jornalismo.)

— *Cronica Maranhense*. Maranhão, 1838 a 1840. Deu o seu primeiro número a 2 de janeiro e o último a 17 de dezembro.

— *Publisher Maranhense*. Foi fundado em julho de 1842, e redigido por Lisboa até 1855. Passou sua direção a Sotero dos Reis (1856-61); depois a Temistocles Aranha (até 1863); depois a Ovidio da Gama Lobo, a A. Henriques Leal, a Felipe Franco de Sá.

— *Jornal de Timon* — (V. a informação acima.)

— *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*.

— *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* (1862).

— *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.

— *Algumas fontes sobre João Francisco Silva*.

ALGUMAS FONTES SOBRE JOAO FRANCISCO LISBOA

— *Almanaque do Maranhão* para 1886.

— *Alvaro Lima* — Um clássico por excelência — Correlio da Manhã, 2-8-46.

— *Antonio Henriques Leal* — *Panteon Maranhense* — t. IV.

— *Argeu Guimarães* — *Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro*.

— *Artur Mota* — *Revista da Academia Brasileira de Letras*, n.º 94.

— *"Autores e livros"*, vol. 8.º, n.º 3 (16-1-44) Encerra: Notícia sobre João Francisco Lisboa — Um sermão do Padre Antonio Vieira, de João Francisco Lisboa — *A primeira Estada do Padre Antonio Vieira no Brasil*, de João Francisco Lisboa — *O Padre Antonio Vieira e a escravidão dos Indios*, de João Francisco Lisboa — *Sobre o Maranhão*, de João Francisco Lisboa — *João Francisco Lisboa* — *João Francisco Lisboa (1812-1883)*, de A. C. Chiehorro da Gama — *Fontes sobre João Francisco Lisboa* — Um jornalista, de Joaquim Serra — *Perfil de João Francisco Lisboa*, (trecho de

estudo), de Luiz Carlos. — *João Francisco Lisboa*, de Silvio Romero e João Ribeiro. — *João Francisco Lisboa* (do Estado de São Paulo, 11-3-1918), de Oliveira Lima — *João Lisboa em São Paulo*, de José Veríssimo.

— *Bibliografia de João Francisco Lisboa*, de Artur Mota. — *João Francisco Lisboa*, na opinião de Ronald de Carvalho. *João Lisboa de Chiehorro da Gama* (A.C.) (Revista da Língua Portuguesa, n.º 24).

— *Pernão Neves* — *A Academia Brasileira de Letras*, página 164.

— *Frederico Augusto Pereira de Moraes* — *Diatribe contra o jinnismo do jornal de Timon*. Lisboa, 1839. É um opúsculo, e salu com o pseudônimo de Erasmo. Elucida Inocêncio que o autor dessa Diatribe é genro de Varnhagen.

— *Frederico José Correia* — *Um livro de crítica*. — Maranhão, 1878, 206 págs.

— *Henrique Perdigão* — *Dicionário Universal de Literatura*, pág. 277.

— *Homem de Melo* — *Estudos Históricos*, pág. 142.

— *Inocêncio da Silva* — *Dicionário Bibliográfico*, vols. 3, 10 e 11.

— *Joaquim Manoel de Macedo* — *Revista do Instituto Histórico*, t. XXVI, págs. 824-837. — *Joaquim Serra* (Ignotus) *60 anos de jornalismo*.

— *José Veríssimo* — *História da Literatura Brasileira*, página 260; *Estudos da Literatura Brasileira*, vol. 2.º (Estudo João Francisco Lisboa como moralista e político). — *João Lisboa em S. Paulo* — *Autores e Livros*, vol. 6.º, pág. 43.

— *Luiz Carlos* — discurso ao ser recebido na Academia Brasileira de Letras — *Discursos Acadêmicos*, vol. 8.º.

— *Oliveira Lima* — *Revista do Brasil*, vol. 7.º, pág. 397. — *Estado de S. Paulo*, 11-3-1918.

— *Otávio Tarquínio de Souza* — *Prefácio em Obras Escolhidas*, Rio, 1946.

— *Pedro Lessa* — *João Francisco Lisboa*. Conferência no Instituto Histórico. Encontramos na Revista da Instituição e na Revista da Academia Brasileira de Letras, n.º 10.

— *Peregrino Júnior* — *Conferência na Academia Brasileira de Letras*. Revista da Instituição (Anais de 1940).

— *Ronald de Carvalho* — *Frequenta História da Literatura Brasileira*, pág. 271.

(Conclui na 100.ª pág.)

Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telegrama: COPER — Caixa Postal: 487

Única rebedora e distribuidora do açúcar de produção das usinas do Estado pelos centros de consumo do país e do exterior

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248 e GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito Cr\$ 4.966.100,00

integralizado Cr\$ 4.877.200,00

Fundo de Reserva Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: Rua da Candelaria, 9 - s/321

Em São Paulo: — Rua Álvares Penteado N.º 180 s/309

Sob a direção do ilustre e benemerito industrial pernambucano Sr. José Pessoa de Queiroz, a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco vem realizando um esforço digno da mais alta admiração em prol da indústria açucareira nordestina.

Este ano registra a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de 8 milhões de sacas de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

O Conselho de Administração da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim organizado:

Diretor-Presidente: José Pessoa de Queiroz; Diretor-Tesoureiro: Wilfrid Russel Shorto; Diretor-Secretário: Fileno de Miranda.

Diretores: Joaquim Bandeira e Mario Monteiro.



Não há maior Beleza
UNIVERSAL
Geneve
RELOGIOS E CRONOMETROS DE PRECISÃO
A VENDA NAS BOAS CASAS

Pequenas notícias literárias

LORENZO FERNANDEZ

Faleceu nesta cidade, no dia 27 do mês passado, o maestro Lourenço Fernandes. Contava 51 anos de idade, pois nasceu em novembro de 1897. O falecimento ocorreu enquanto o maestro dormia. Na véspera, Lourenço Fernandes regera um concerto de obras suas, no Instituto de Música. Ao terminar, confessara a pessoa de sua família que não se sentia bem. Não atribuiu maior importância ao mal-estar que sentia, voltou a casa, deitou-se e adormeceu. Não acordou mais.

Seu sepultamento ocorreu no dia 28, no cemitério de S. João Batista, com grande acompanhamento.

Artista de inspiração folclórica, Lourenço Fernandes deixou uma ampla e esplêndida obra, na qual se destacam números como *Essa Nega Fule* (música para uma poesia de Jorge de Lima) e o expressivo e sensual *Batuque*.

FRANCISCO GALVÃO

Faleceu, no dia 26 de agosto passado, o escritor Francisco Galvão. Nasceu no Amazonas. Trabalhou na imprensa, de Manaus, no *Jornal do Comércio*, na *Notícia*, na *Nação*, no *Radical* (todas do Rio de Janeiro). Era advogado militante, procurador do Instituto dos Comerciantes, professor de Direito Civil da Escola Técnica de Serviço Social do Rio de Janeiro. Foi deputado estadual no Amazonas (1927 a 1930). Era autor dos seguintes livros: *Cidade dos loucos* (Crônicas), Benjamin Costallat e Micaelis Vitoria-Regia — Poesias — 1922;

Terra de ninguém — Adersen Editores — Rio, 1934; *A Academia de Letras na intimidade* — Rio, 1937; *Épico* — Romance — Pongetti — Rio, 1938; *Lei de Proteção à família* (Direito) — Em colaboração com Segadas Viana, Diretrizes do Estado Novo.

AFONSO DE TAUNAY

Visitou o Rio de Janeiro, a semana passada, o sr. Afonso de Taunay, membro da Academia Brasileira de Letras e diretor aposentado do Museu Ipiranga, de São Paulo.

JOÃO NEVES DA FONTOURA

A fim de ir receber a Duquesa de La Rochefoucauld, que chegava ao Brasil, esteve alguns dias em Pernambuco o sr. João Neves da Fontoura. Ao regressar, o ilustre Acadêmico pronunciou na Casa de Machado de Assis eloquente discurso, no qual tocou largos louros ao ambiente cultural de Pernambuco, dando em destaque a obra de consagração e simpatia que o sr. Barbosa Lima Sobrinho, atual governador de Pernambuco, vem realizando.

ANTÔNIO AUSTREGESILIO

Visitou Pernambuco, a convite do Governo do Estado, o sr. Antônio Austregesílio, médico eminente, membro da Academia Brasileira de Letras. O Prof. Austregesílio passou cerca de 13 dias na capital do seu Estado natal, e trouxe de lá uma impressão das mais exaltadas. Em discurso na Academia, declarou que o Recife só pode ser comparado, em beleza natural, com o Rio de Janeiro.

GANDAVO

A acrescentar às Fontes de Pero Magalhães Gandavo (39-8-48): — Joaquim da Silveira. Estudo publicado na Revista Brasileira, vol. 3.º, págs. 525-528.

PROXIMOS LANÇAMENTOS DA IPÊ

A IPÊ, de S. Paulo, anuncia, para serem em breve lançados pelas suas oficinas os seguintes livros: — *Moscou 1949*, de Kuchmelt Leddim; — *Cume e Medicina*, de Michel Choromanski; — *Cruada sem Cruz*, de Arthur Koestler; — *Tradições Populares*, de Amadeu Amaral; — *História da Literatura Italiana*, de Attilio Momigliano; — *Três Imperialismos em luta*, de Italo Zingarelli; — *História da França*, de Octave Aubry; — *História da Literatura Nort-Americana*, de T. H. Dickinson; — *Leviatã*, de Julien Green; — *Os Indiferentes*, de Alberto Moravia.

PADRE LEONEL FRANCA

Faleceu no dia 3 do corrente o Padre Leonel Franca, um dos grandes marcos da cultura filosófica, religiosa e didática do nosso país.

Nasceu no Rio Grande do Sul e fez os seus estudos na Companhia de Jesus. Cursou a Universidade Gregoriana de Roma. Foi reitor das Faculdades Católicas do Rio de Janeiro, e pertenceu ao Conselho Nacional de Educação, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, à Comissão do Livro Didático. Fundou e dirigiu a revista *Verbum*, Órgão das Faculdades Católicas do Brasil. Em 1947 obteve o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras (consecrimento de obra).

Escreveu:

— *Apontamentos de química geral* — Livraria Drummond Rio — 1919 — 8.ª edição — Pimenta de Melo — 1935; — *Noções de História da Filosofia* — ed. Livraria Drummond — Rio, 1922. 7.ª edição — Pimenta de Melo — 1940; — 9.ª edição — Companhia Editora Nacional — 1943; — *A Igreja, a Reforma e a Civilização* — Rio, Civilização Brasileira, 4.ª edição, 1926; — *De Kerk, de Hervorming en de Cultuur*, Foreholt, Voorhout, 1935 — tradução holandesa d'A Igreja, a Reforma e a Civilização, pelo Dr. J. Brouwer.

DICIONÁRIO DO PADRE MAGNE

Está a sair ainda este ano o *Dicionário Medieval e Clássico da Língua Portuguesa*, a importante obra que o Padre Augusto Magne vem há anos elaborando para o Instituto do Livro.

A obra constará de 8 ou 10 volumes, e tem a colaboração de um grupo de reputados e ilustres professores.

O 1.º volume (que é o que se encontra próximo a sair) abrangerá os verbetes da letra A, até o vocábulo *Azeiteira*.

ACHEGA AO N.º 5 DE AUTORES E LIVROS

A acrescentar-se à Bibliografia de Gabriel Soares de Sousa:

— *Notícia do Brasil*, Introdução, comentários e notas pelo professor Firazá da Silva. Biblioteca Histórica, Brasília, n.º XVI. Livraria Martins Editores. São Paulo, 1.º tomo, 353 págs., 2.º tomo, 356 págs., ilustrada.

— *Relíquias de uma Polêmica*, Rio, 1938.

— *Ensino Religioso e Ensino Leigo*, Rio, 4.ª edição, 1931.

— *Catolicismo e Protestantismo* — Rio, 2.ª edição, 1931.

— *Luthero e o Sr. Frederico Hansen* — Rio, 1933.

— *A Psicologia da Fé* — Liv. Civilização — Rio, 1934.

— *Le Psicologia de la Fé*, trad. espanhola d'A Psicologia da Fé, por M. L. de Real de Azua, Buenos Aires, 1938.

— *O Divorcio* — 3.ª edição — 1937.

— 6.ª edição (obras completas) — Livraria Agir — Rio, 1946.

— *O Protestantismo no Brasil* — Editora ABC — Rio, 1938.

— *A Crise do Mundo Moderno* — Liv. José Olympio Editora — Rio — 1941.

— *Instituição de Cristo* — tradução — Rio, 1944.

A Livraria Agir Editora organizou em 1947 a publicação das obras completas desse autor, com o seguinte programa:

1 — *Noções de História da Filosofia*; 2 — *A Igreja, a Reforma e a Civilização*; 3 — *Relíquias de uma polêmica e outros estudos*; 4 — *O Divorcio*; 5 — *Ensino Religioso e Ensino Leigo*; 6 — *Catolicismo e Protestantismo* — *Luthero e o sr. Frederico Hansen*; 7 — *O Protestantismo no Brasil*; 8 — *A Psicologia da Fé*; 9 — *A Crise do Mundo Moderno* — *Desses* já tinham aparecido naquele ano os tomos IV e VIII — *O Divorcio* e *A Psicologia da Fé*.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A "AUTORES E LIVROS"

Como frequentemente nos chegam, de eruditos, de críticos, de biógrafos, de simples leitores interessados pela nossa obra, contribuições, às vezes valiosas, acerca dos autores de que vamos tratando, deliberamos criar em nossas colunas mais uma seção, à qual damos o título acima. Nela incluiremos as contribuições que nos forem remetidas e que acharmos merecedoras de divulgação. Iniciá-la-emos com a contribuição referente a Bento Teixeira, que nos enviou um erudito autor nordestino, sem entretanto nos autorizar a declinar seu nome.

ACHEGAS A BIBLIOGRAFIA DE BENTO TEIXEIRA

Recebemos de um leitor benevolente, que se assina com as iniciais M. D. J., a seguinte informação:

Da bibliografia de Bento Teixeira, divulgada à pág. 70 de "Autores e Livros", n.º 5, vol. IX, não consta a reedição da "Prosopopeia", feita na *Revista de História de Pernambuco*, n.º 1, ano I, Recife, agosto de 1927. Do número dessa Revista, dedicada à divulgação dos trabalhos de Pereira da Costa, é dedicado ao poema de Bento Teixeira, divulgando-o e também o acróstico "Per Bocoos".

Igualmente, se encontram na mesma *Revista* dois estudos sobre Bento Teixeira: um, de Gilberto Freyre — "Acêra da Prosopopeia", com o seguinte subtítulo: "Nota crítica que especialmente para esta edição escreveu Gilberto Freyre"; e um de Pereira da Costa — "Bento Teixeira Pinto e a Prosopopeia — estudo bibliográfico de Pereira da Costa".

Trata-se não apenas de uma reedição da "Prosopopeia", mas igualmente de duas fontes de estudo sobre Bento Teixeira e seu Poema.

POESIAS COMPLETAS RAIMUNDO CORREIA

Dos prelos da Companhia Editora Nacional deverão sair, ainda este ano, as *Poesias Completas*, de Raimundo Correia. Trata-se de uma edição organizada, prefaciada e anotada por Múcio Leão.

Segundo o plano adotado, as obras poéticas de Raimundo Correia ficaram distribuídas em dois volumes: o primeiro abrangendo as cento e poucas produções que o próprio Raimundo selecionou, ao dar as suas *Poesias em Portugal* (1898); o segundo, formado dos *Primeiros Sonhos*, das produções que nas coletâneas de *Sinfonias, Versos e Versos e Aleluia*, o poeta não incluiu nas *Poesias*, e de vários trabalhos esparsos, coligidos aqui e ali pelo organizador.

A edição faz o registro de todas as variantes dos versos de

BRASILIO MACHADO



Brásilio Machado

Transcorreu, no dia 4.º do centenário do nascimento do um grande brasileiro: Brásilio Machado, glória legítima do espírito nacional, vera expressão do saber jurídico, do genio oratório em nosso País.

Brásilio Augusto Machado de Oliveira — que tal era o seu nome civil — nasceu em São Paulo, em 4 de setembro de 1848 e era filho do Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira e de D. Virginia Augusta de Barros.

Criança, foi matriculado no Colégio Júlio, mas dali saiu devido a uma tuberculose e de sentimento excessivo (como dizia seu pai, em carta a um amigo).

Foi então — em 1859 — para o Seminário de D. Antonio Joaquim de Melo. Fez os preparatórios no Curso Anexo da Faculdade de Direito de São Paulo, e em 1863 estava matriculado no curso jurídico.

Formado, obteve a promoção de Constituição — que era naquele tempo a denominação de Piracicaba. Em 1873 resolveu disputar o título de doutor em direito. Apresentou, então, uma tese submetida ao título: Nas ações executivas tem lugar a suspensão do Juiz?

Otinda a aprovação (a nota foi simplesmente), regressou a Piracicaba. Logo depois era removido para Casa Branca.

Atendeu, entretanto, a cargo para se dedicar exclusivamente à advocacia e às atividades políticas.

Em 1879, achava-se residindo em S. Paulo. Foi, então, nomeado Inspetor do Tesouro; logo depois (1881) era nomeado

de Secretário da Ralação. Foi nesse momento que também recebeu uma nomeação para Lente de Retórica e Poética do Curso Anexo à Faculdade de

Direito; recusou essa nomeação.

Candidato a Deputado Geral pelo novo distrito, fracassou. Resolveu, então, entrar para

o magistério superior. Inscreveu-se em um concurso em 1882, tendo como adversários Dino Bueno, Lopes dos Anjos, José Manuel, Carlos de Gusmão e João Mendes de Almeida Júnior. Preparou sua dissertação acerca do tema: *É lícito o divórcio?* Foi classificado em 2.º lugar, tendo Dino Bueno sido nomeado, em virtude de sua classificação em primeiro lugar.

Abre-se, imediatamente, outro concurso. Brásilio Machado apresentou-se de novo, tendo agora como concorrentes Lopes dos Anjos, Teófilo Dias e Brásilio Rodrigues dos Anjos. Foi classificado em primeiro lugar e recebeu a investidura de mestre em 30 de junho de 1883.

Em 1884 — agosto — foi nomeado Presidente da Província do Paraná. Ali ficou durante um ano exato, regressando à sua atividade de Professor.

Em 1880, era nomeado Lente catedrático de Direito Natural, exercendo a sua cátedra pelo espaço de 30 anos e sempre sendo considerado uma das figuras máximas do tradicional Instituto de ensino jurídico em que tinha assento.

Em 1910, em recompensa dos longos e valiosos serviços prestados à causa da Igreja, recebeu do Papa Pio X o título de Barão. Em 1911 deixou a Faculdade, vindo assumir, no Rio, a presidência do Conselho Superior do Ensino, que acabava de ser criado pela reforma Rivadavia. Nessa comissão trabalhou arduamente, até que, sentindo-se em precárias con-

dições de saúde, deliberou regressar a São Paulo. Ali, em 5 de março de 1918, ocorreu o seu falecimento.

Jornalista durante toda a vida, trabalhou Brásilio nos seguintes órgãos: *Imprensa Acadêmica* e *Correio Paulistano* (em tempos de estudante); *O Piracicaba*, em 1876 (foi fundador sua); e *Ípiranga*, a *Triluna Liberal*, a *Ordem*, o *Diário Popular* e o *Comércio de São Paulo*. Fundou a revista *Santa Cruz*, a cuja frente se conservou por longos anos. Dirigiu *A Constituinte* (1879), *Diário da Manhã* (1881), *São Paulo* (1901).

Brásilio Machado é pai do escritor José de Alcantara Machado, que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, o avô de Antonio de Alcantara Machado.

Raimundo de Menezes

A *Livraria Martins Editora*, de S. Paulo, deverá lançar proximamente *Escritores na intimidade*, o novo livro de Raimundo de Menezes, autor de *A vida boêmia de Paulo Neri e Emílio de Menezes*, o último boêmio, edições que mereceram a melhor aceitação do público, esgotando-se em pouco tempo.

O mesmo autor está escrevendo uma biografia completa, fartamente ilustrada, do poeta boêmio Guimarães Passos, a qual deverá em breve ser lançada.

3 SONETOS DE BILAC

A Lição Deserto de Gelo Eterna

Ah! naquela manhã... — calmai-vos, meus senhores! —
Fomos... Povo verde, Dezembro. Sol ardente.
Que anã-la no campo, arraiquei-lhe os vestidos,
Poula à moda passá não completamente.

E a floresta, que em cima, ao sol resplandecente,
Se enredava em festins humidos e floridos,
Palpitar sobre nós quando cuvia, de repente,
Começar um rumor de beijos e gemidos.

Morreu-las os seis nós... Cantam os passarinhos
Torço-lhe o corpo às mãos... Que barulho nos ninhos!
Ela, tremula, certa, a pouco e pouco, o olhar...

Tudo o bosque delira. Um suspiro de gosa...
Depois, tudo em sossego. O bosque, silencioso,
Meditava a lição: tinha aprendido a amar.

L. FLAMINIO

(A Rua, de Abril de 1889).

Sol de frias regiões situadas perto
Dos polos, onde eterna dorme o gelo
Sem que um raião, através o céu coberto
De nevas, mande o sol para aquecê-lo.

Nem estrelas, nem vida! Em tudo o selo
Da morte... Só no intermínio deserto,
O urso branco de pé, roncando o pélo,
Abisma ao longe o seu olhar incerto.

Tal minha alma — deserto em cuja face
Dormente, apenas agita-se a infantil
Voz do vento passar num largo choro...

Vejo-te o riso e a primavera usace.
Vejo-te o olhar e o sol, que não habita,
Os gelos funde com seus raios de ouro.

Hão de viver aqui seus encontros dispersos.
Neste poema que é teu, — coíre do teu tesouro:
O seio de marfim! o cabelo de ouro!
O lábio de coral! fazeais nestes versos...

— Esse vivo luar que os teus olhos inundam:
O ritmo de teus pés pequeninos e brancos;
A curva sensual desses robustos flancos
De amante apaixonada e de mulher fecunda!

O alvo torso opulento, a cintura elegante,
O braço, a espada... toda essa carne esbelta:
Nestas rimas de fogo esplenderá, querida!

E eterna como o Amor e como a Natureza,
Ficará neste canto, — certa da impureza! —
Desafiando a morte e desprezando a vida!

L. FLAMINIO

(A Rua, de 27-4-1889).

BIBLIOGRAFIA...

- (Conclusão da 98.ª pag.)
— Sacramento Blake — *Diário*, vol. 3.
— Silvio Romero e João Ribeiro — *Manual da História da Literatura Brasileira*, pag. 354.
— Varnhagen — *Os índios brasileiros* e o sr. Libório Timon 3.º.
— Viçoso Cordeiro — *Discurso na inauguração do monumento a João Francisco Lisboa*, em São Luiz, São na Poesia e em outros jornais do Maranhão.

Algumas fontes...

- (Continuação da pag. 92)
— Biblioteca Brasileira — ns. 548 e 549, pag. 134.
— José Veríssimo — *História da Literatura Brasileira*.
— Peres (Eduardo) — *Literatura brasileira nos tempos coloniais*, pag. 323.
— Itamir Galvão — *Catálogo da Exp. de Hist. do Brasil*.
— Rodolfo Garcia — *Introdução* — edição de 1923.
— Silvio Romero — *História da Literatura Brasileira*, vol. 1.º.
— Tristão de Alencar — *Estudos* — 1.ª série — pag. 234.
— Varnhagen (F. A. de) — *História do Brasil* — vol. I.

NOTICIA SOBRE JOÃO FRANCISCO LISBOA

(Conclusão da 98.ª pag.)
neado, quando leu a *Cabana do Pai Tomaz*, de Harriet Beecher Stowe. Achou que nesse romance americano existia já tudo o que a sua pena pudesse contar ou descrever, e modestamente desistiu de levar por diante o seu propósito. Perdeu com isso a literatura brasileira algo da maior importância, pois um romance da pena de João Francisco Lisboa teria de ser alguma coisa de monumental.

Estamos em 1832, e é então que Lisboa atinge o cimo de sua carreira de homem de letras, e vê brilhar no horizonte o seu génio. Referimo-nos ao aparecimento do *Jornal de Trivelpo*, cujo primeiro número surgiu com cem páginas, em 25 de junho daquele ano. Era uma publicação mensal. Em 52, Lisboa pôs na rua cinco números desse periódico. Em 53, pôs dez. Formou, assim, o primeiro volume da importantíssima obra. Esse primeiro volume do *Jornal de Trivelpo* é todo dedicado ao assunto das eleições, ou mais geralmente falando, à evolução política, do

Brasil e do mundo. Lisboa analisa, com a sua minuciosa ciência de historiador, com o seu estilo fulgido e lucido, as atitudes e os processos políticos, desde a antiguidade grega até aos nossos dias.

O segundo e o terceiro volume do *Jornal de Trivelpo* encerram uma série de estudos históricos sobre o Brasil. Nele trata-se de tudo: do descobrimento da América e do desenvolvimento do nosso país; dos erros de Portugal, cometidos quando da colonização do Brasil; da invasão dos franceses e da invasão dos holandeses; dos conflitos de mentalidade entre os índios e os jesuítas, das figuras dos grandes padres dos primeiros momentos de vida em nossa terra — um Anchieta, um Nobrega, e mais recentemente, um Vieira; da crônica das primeiras expedições para o Maranhão; das nossas leis; do nosso povo; da nossa terra...

Escreveu João Francisco Lisboa alguns trabalhos biográficos, e entre estes se conta a narração da vida de Odorico

Mendes e o volume *Vida do Padre Antônio Vieira*. Este último não chegou a ser concluído. Foi encontrada, entre os papéis do arquivo do escritor por ocasião de sua morte, e trazendo esta recomendação expressa: *Deve ser queimado sem ser lido*. O livro que estava assim destinado a desaparecer sem ser lido, é hoje considerado uma das glórias do pensamento brasileiro, um dos modelos acabados de nossa arte escrita. E Pedro Lessa o coloca como a obra-prima de Lisboa, acima do próprio *Jornal de Trivelpo*.

Em 1835, veio João Francisco Lisboa para o Rio de Janeiro. Aqui, porém, pouco se demorou, sendo nomeado para uma comissão em Portugal — a de ir pesquisar nos arquivos lusos elementos históricos de nossa história. Ficou em Lisboa até 36, quando fez uma viagem de recreio ao Brasil. Voltou ao cargo no mesmo ano, e foi continuar os seus trabalhos. Em Portugal fizera um círculo de poucos amigos, mas amigos do maior valor, como Alexandre

Herculano, Lopes de Mendonça e outros.

O nosso grande historiador e jornalista faleceu na capital portuguesa, em 26 de abril de 1863. Seus restos mortais foram mais tarde transferidos para S. Luiz, ficando guardados na capela-mor do convento de N. S. do Carmo.

João Francisco Lisboa é patrono da cadeira nº 18 da Academia Brasileira de Letras, cadeira que foi criada por José Veríssimo. Por morte do illustre crítico, tornou-se vazia, em 1916, o Barão Homem de Melo. Em 1918, por morte de Barão, coube o "faustoso" a Alferio Faria; e em 1925, por morte de Faria, coube a Luiz Carlos da Fontenele. Falecendo em 1932, o poeta de Colares deixou a cadeira para Pereira da Silva, que foi substituído por Percequillo Júnior.

João Francisco Lisboa também é patrono da Academia Maranhense de Letras.